Guerra e imprensa: as guerras mundiais e a imprensa brasileira

Tito Henrique Silva Queiroz★

O objetivo deste artigo é analisar o impacto que as guerras mundiais tiveram na imprensa brasileira, tentando entender alguns aspectos de sua dinâmica em dois momentos cruciais do último século.

Numa perspectiva comparativa, analisaremos esses momentos para entender continuidades, especificidades e que experiências deixaram à imprensa brasileira.

Por uma questão operacional, o foco de nossa análise recairá sobre três dimensões: a) *alinhamento*: de que forma a imprensa se posicionou em relação às guerras: se durante a neutralidade brasileira foi coerente com essa postura ou assumiu posição de apoio a um dos beligerantes (e se o fez, baseado em que estímulos e justificativas) e após a adesão do país aos Aliados, que postura assumiu; b) *censura:* de que formas o governo agiu para controlar a imprensa; c) *imprensa de guerra e correspondentes de guerra:* durante as guerras surgiu o fenômeno de uma imprensa de propaganda de guerra, voltada para a opinião pública e uma imprensa voltada para ou feita pelas forças brasileiras enviadas ao front; o papel dos correspondentes de guerra brasileiros também será analisado.

★

É curioso como análises comparativas sobre o impacto das guerras mundiais no Brasil não sejam feitas com freqüência. Uma exposição de fatos demonstra que ocorreram mais que coincidências.

A causa oficial da entrada do país nas guerras foi o afundamento de seus navios por submarinos alemães: foram 8 navios em 1916-18 e 34 em 1942-44.[1] Some-se a isso, temores sobre a fidelidade da população imigrante (refletidos no "perigo alemão" e no "perigo amarelo") ou pretensões à hegemonia política na América do Sul, dentre outros fatores. Além disso, muitas atitudes e expectativas do país em relação à II Guerra Mundial (um fato mais conhecido) foram calcadas na experiência da I Guerra Mundial.•.

Correlações também existem em relação à participação militar. O Brasil enviou ao *front* forças simbólicas no cômputo geral da guerra, mas significativas para sua projeção internacional. Porém, embora a participação militar garantisse ao país um lugar efetivo dentre os Aliados, não foi suficiente para apoiar suas pretensões no pós-guerra: nem uma posição permanente dentre os membros da Sociedade das Nações, nem uma posição permanente dentre os membros do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas.

Na I Guerra Mundial, o Brasil enviou uma esquadra, a DNOG (Divisão Naval em Operações de Guerra) e uma Missão Médica Militar ao Atlântico Norte e à França. Na II Guerra, enviou a FEB (Força Expedicionária Brasileira) e duas esquadrilhas da FAB (Força Aérea Brasileira) à Itália. Foram cerca de 1800 brasileiros enviados ao front na I Guerra e cerca de 26000 na II Guerra (excluindo-se o pessoal da marinha mercante). Aproximadamente 300 brasileiros morreram na I Guerra e 2000 na II Guerra.[2]

⋆

Em 1914, a imprensa brasileira já havia entrado em sua fase industrial: indício disso pode ser visto nos grandes edifícios erguidos como sedes da imprensa em 1900-1940.[3] Outro, a formação do primeiro conglomerado de comunicação no país, os *Diários Associados*, a partir de 1924. Até uma associação de classe, a *Associação Brasileira de Imprensa* havia sido criada em 1908.

A imprensa (jornais e revistas) era o grande veículo de comunicação. Em 1914, o único veículo que começava a ter uma dimensão de massa era o cinema. No pós-guerra, outro surgiria: o rádio. Mas ele (assim como os cinejornais) dependia das informações dos jornais e revistas (muitas estações de rádio também tiveram sua origem ligada a consagrados jornais).

A imprensa recebia suas informações do exterior pelo telégrafo do cabo submarino e pelo serviço de agências de notícias, como a *Havas* e a *Agência Americana* (agência brasileira criada em 1908). Desde o início do século XX, a radiotelegrafia era a nova forma de comunicação com o exterior. No pós-guerra houve a difusão da radiofonia (na década de 30, as principais potências man-

tinham estações de ondas curtas voltadas para o Brasil, com notícias em português).[4] Enfim, durante a II Guerra, o sistema de teletipos seria implantado.

A importância social da imprensa era tal, que grupos que não tivessem algum órgão que os representasse – ou pelo menos, uma coluna, algum espaço nalgum órgão, poder-se-iam considerar invisíveis na esfera pública.

Existiam diversos níveis de imprensa: a grande imprensa era representada pelos jornais e revistas de expressão nacional das capitais. Rio e São Paulo concentravam a grande imprensa, com algumas expressões em outros estados: como o *Correio do Povo*, em Porto Alegre, o *Diário de Pernambuco* e o *Jornal do Comércio* em Recife, *A Tarde*, em Salvador. As demais capitais, em geral, possuíam uma imprensa de média expressão.[5]

Havia ainda uma imprensa setorizada: como a voltada para comunidades locais, para imigrantes, a operária etc. Certos órgãos da imprensa setorizada, porém, podiam ter um alcance amplo: o *Fanfulla*, o "jornal dos italianos" da cidade de São Paulo, teve nos seus melhores anos uma tiragem entre 20 mil exemplares (em 1915) e 40 mil exemplares (1934), o que o tornaria o segundo maior jornal paulista, só superado pelo *O Estado de São Paulo*.[6]

Quando falamos de uma imprensa industrial falamos, óbvio, da grande imprensa. Mas ela podia ter um papel de reprodutibilidade sobre a imprensa média e setorizada, já que podia ceder suas gráficas e sistemas de distribuição para elas.

Como o papel social da imprensa era importante, isso podia lhe dar prestígio e um capital político, que podia ser instrumentalizado pelos donos de jornais.[7]

A relação do Estado brasileiro, com esse poder da imprensa foi complexa e durante as guerras haverá tentativas de se limitar o poder da imprensa em geral.

Além do Estado nacional, as guerras colocariam a imprensa diante de um contexto pouco usual: o da influência das potências beligerantes. Por isso trataremos agora da questão do alinhamento da imprensa durante as guerras mundiais.

Alinhamento

Em 1914, quando a guerra começou, a imprensa brasileira vivia o fim do governo repressivo do Marechal Hermes da Fonseca. No final do ano, com o início do governo Wenceslau Braz, a imprensa pôde se manifestar mais livremente. Em 1939, a situação era diversa: vivia-se sob a ditadura do Estado Novo e a imprensa já vinha sendo censurada há anos, a única inovação foi que a censura deixou de ser exercida pela polícia e a partir de dezembro de

1939 passou a ser atribuição de um novo órgão, o *Departamento de Imprensa e Propaganda* (DIP).

Assim, seria mais fácil analisar o alinhamento da imprensa em 1914 que em 1939. Em 1914 – apesar de o governo ter decretado a neutralidade, foi mais fácil o posicionamento em torno de aliadófilos, germanófilos e neutralistas. Em 1939, sob um controle mais rígido, a imprensa tinha que se alinhar, em geral, com a posição oficial do governo.

Mas como isso se deu na prática?

Já no início da I Guerra, começaram a se articular as posições na imprensa: *O Estado de São Paulo*, pela inspiração de seu dono, Júlio Mesquita, assumiu uma postura aliadófila. Postura seguida por muitos literatos-jornalistas que fundaram a *Liga pelos Aliados* e promoviam conferências e outras atividades aliadófilas: caso de José Veríssimo (que teve artigos publicados em órgãos franceses como o *Le Temps*), Olavo Bilac, Coelho Neto e Júlia Lopes de Almeida.[8] Do lado germanófilo, estavam órgãos da comunidade teuto-brasileira (alguns, desde o início do século, com apoio de associações alemãs como a *Liga Pangermânica*), jornais católicos ultraconservadores (como o *Vozes de Petrópolis*), a revista militar *A Defesa Nacional* e jornais ligados ao capital alemão, do qual talvez o mais duradouro exemplo tenha sido o *Diário de Notícias da Bahia*.[9]

Podia parecer, a princípio, que a facção germanófila estivesse levando a melhor, mas ela não iria muito além desse núcleo setorizado até 1917. Em contrapartida, a facção aliadófila ia levar vantagens na guerra de informações: na primeira semana da guerra, os britânicos cortaram o cabo submarino que ia da Alemanha a Pernambuco, quase impossibilitando o governo alemão de se comunicar com as Américas e enviar notícias que se contrapusessem às dos Aliados.

O governo alemão, seus representantes e simpatizantes no Brasil, tentaram organizar um sistema de informações baseado na legação alemã e na articulação desta com empresas alemãs para a compra de jornais como o carioca *A Tribuna* (tiragem de 10 mil exemplares) e *O Diário* (de Porto Alegre) em 1915. As informações eram transmitidas por uma agência de notícias semi-oficial criada em 1914, a *Transocean*, ligada ao Ministério das Relações Exteriores alemão.[10] Só que essas iniciativas não deram muito certo. Até porque alguns desses jornais insistiam – como fazia o também carioca *O Diário*, em ter apenas as páginas externas em português, enquanto as internas circulavam em alemão (quando então *O Diário* mudava de nome para *Deutsche Tageblatt!*).[11] Por isso à imprensa germanófila restou uma postura defensiva (denunciando o impe-

rialismo britânico e mais tarde, o norte-americano) e o apoio de articulistas como Assis Chateaubriand e Dunshee de Abranches.

Quanto aos aliados da Alemanha sua atividade foi mínima: a Áustria-Hungria, apenas fez comunicados por sua legação; a Turquia, embora tivesse uma colônia expressiva, não tinha representação diplomática e seus imigrantes - em sua maioria cristãos sírios e libaneses, tenderam a ser mais suscetíveis à propaganda aliada que à fidelidade ao regime islâmico.

O capital aliado também financiava a imprensa. Foi o caso do *Jornal do Commercio*, que ficou sob controle do banqueiro francês Boiulloux Lafont. Por isso, teria uma postura explicitamente aliadófila a partir de 1916. Em maio desse ano, com o torpedeamento do primeiro navio brasileiro, o *Rio Branco*, criaram-se condições para a primeira grande campanha aliadófila no país. E o *Jornal do Commercio* logo exigiu do governo esclarecimentos sobre o caso. Em julho, publicou de forma simultânea o discurso de Rui Barbosa, que numa missão diplomática, em Buenos Aires, proclamou que os neutros adotassem uma postura firme em relação aos crimes de guerra dos Impérios Centrais (desde então, a sacada do *Jornal do Commercio* seria utilizada para discursos aliadófilos de Rui Barbosa). Enfim, assumiu em editorial uma postura agressiva, pedindo o confisco dos mercantes alemães internados no Brasil (o que provocaria uma polêmica com Dunshee de Abranches).

A imprensa germanófila reagiu divulgando satisfações dadas pelo governo brasileiro à Berlim e denunciando (através de *A Tribuna*) gastos desmedidos da missão de Rui Barbosa. Enfim, como o *Rio Branco* estava a serviço dos britânicos e não houve vítimas, o caso acabou não tendo maiores conseqüências, só a de demonstrar como aliadófilos e germanófilos estavam polarizados na imprensa. Mesmo assim, o mote da ocupação dos navios alemães internados estaria dado e outros órgãos voltariam a insistir nele, como fez em editorial, em dezembro de 1916, o jornal carioca *A Razão*.[12]

A influência portuguesa na imprensa era considerável. E a entrada de Portugal na guerra (1916) implicou que órgãos sob essa influência tendessem aos Aliados: coisa irresistível em publicações binacionais como a revista *Atlântida*.[13]

Em relação aos demais órgãos que assumiram uma postura aliadófila, pode-se dizer que havia financiamento para eles? Segundo um embaixador francês no imediato pós-guerra, os jornalistas brasileiros se colocavam "automaticamente" do lado de quem pagasse melhor.[14]

Por outro lado, há evidências de que alguns podiam agir por ideologia. O paulistano *Diário Alemão* (suplemento em português do *Deutsche Zeitung*...)

chegou a requerer na justiça uma pesquisa na contabilidade de *O Estado de São Paulo*, alegando que recebia capital britânico. Mas como nada ficou provado (apenas que o jornal sofreu prejuízo com a retirada da propaganda das firmas alemãs), o editor do *Diário Alemão* foi condenado a dois meses de prisão.[15]

A maioria dos literatos-jornalistas posicionou-se pelos Aliados. Isso significava que os jornais nos quais escreviam acompanhavam a causa aliada? Medeiros e Albuquerque deixou sobre isso um depoimento: "O próprio jornal em que eu escrevia – *A Noite* – não advogava essa causa. Ele era para mim um poderoso megafone, de onde minha voz não podia deixar de ser ouvida".[16]

Assim, a imprensa brasileira caracterizava-se até 1917 por setores germanófilos, aliadófilos e grande parte da imprensa assumindo uma postura neutra ou imparcial (mesmo *O Estado de São Paulo* publicava artigos germanófilos de Oliveira Lima), não destoando da postura governamental.[17]

Houve até setores especificamente neutralistas. Foi o caso da imprensa anarquista: denunciando a guerra como imperialista e realizando um congresso pró-paz no Rio de Janeiro em 1915. Num pólo oposto, o órgão dos nacionalistas radicais, a revista *Brazílea*, também defendia a neutralidade (o que a levou a se defender várias vezes da acusação de germanófila).[18]

Só o torpedeamento sucessivo de navios brasileiros faria a imprensa pender para os Aliados. Desde abril de 1917, começam campanhas na imprensa que agitam a opinião pública e forçam o governo a tomar medidas que culminam com a entrada do país na guerra. Pode-se incluir aí a campanha que levou à saída do Ministro das Relações Exteriores – de ascendência alemã, Lauro Müller. Não deixam de haver matérias que veiculam o pânico em relação a virtuais rebeliões de colonos alemães no Sul, sabotagem, espionagem e a vinda de submarinos para a costa brasileira.[19]

A imprensa tornou-se tão ativa que até se antecipava às autoridades. Caso ilustrativo ocorreu em outubro de 1917, no dia em que o Brasil entrou na guerra. Havia em Salvador uma canhoneira desarmada alemã, a *Eber*, internada desde 1914. Com os rumores sobre a entrada do Brasil na guerra, seus tripulantes tomaram medidas para pôr o navio a pique, antes que o governo o ocupasse. Foram dois repórteres de *A Tarde* que – disfarçados de remadores, se aproximaram do navio e vendo os preparativos para afundá-lo, telefonaram ao jornal que avisou às autoridades. Porém, dada a falta de coordenação delas, o navio acabou submerso.[20]

A imprensa germanófila, em vista das evidências (os navios brasileiros afundados) ficou na defensiva: o argumento seria que os navios teriam sido

afundados por minas ou submarinos aliados (versão que também seria usada na guerra seguinte e até hoje é ventilada ocasionalmente)! Mas não havia futuro para essa imprensa: os órgãos germanófilos que não foram empastelados em 1917 sofreriam tantas pressões que, ou mudariam para uma linha patriótica ou desapareceriam por pressão do governo ou da sociedade.[21]

Alguns órgãos anarquistas também foram empastelados, fechados ou preferiram dedicar sua atenção à Revolução Russa a tecer comentários sobre a participação do país na guerra. Embora, um literato-jornalista que orbitava dentre os anarquistas, Lima Barreto, ter criticado o alinhamento e ridicularizado a participação militar do país. [22]

Por outro lado, para a maioria da imprensa, não restou senão comportar-se patrioticamente, colaborando para o esforço de guerra (com campanhas para doar aviões ou subscrições às famílias dos marinheiros da DNOG, por exemplo).[23]

⋆

Quando a II Guerra começou, a imprensa vivia sob o Estado Novo, regime algo inspirado nos fascistas. Isso significava que a imprensa teve que assumir uma postura pró-Eixo? A questão é complexa, pois em 1938, a campanha de nacionalização nas colônias de imigrantes e a rebelião integralista haviam levado ao rompimento de relações entre Brasil e Alemanha durante alguns meses; assim, esperar uma postura mecanicamente simpática ao Eixo seria incoerente.

Na imprensa também iremos encontrar tal complexidade. Pois em 1939, até a mais antifascista publicação brasileira, a revista *Diretrizes*, havia mudado para uma linha amena em relação ao Eixo, por graças do pacto germano-soviético: como a revista estava sob influência dos comunistas, estes, seguindo orientações da URSS adotaram essa postura, que nada tinha a ver com o DIP. A colaboração entre nazistas e comunistas também era visível no jornal carioca *Meio-Dia*, ligado a *Transocean*.[24]

A par do controle do Estado Novo, as potências já tinham alinhado parte da imprensa. A França tinha o controle (desde o início dos anos 30) de *A Noite* e espaço em *O Estado de São Paulo* e no *Jornal do Commercio*. A Itália controlava o *Fanfulla* e órgãos da colônia italiana, embora a influência de sua agência de notícias *(Stevani)* sobre a grande imprensa fosse pequena. Britânicos e norte-americanos – apesar de não controlarem nenhum órgão, tinham influência graças às suas agências: *Reuters, United Press* (UP) e *Associated Press* (AP). Os alemães tinham influência sobre órgãos da colônia alemã e tentaram usar a *Transocean* para influenciar mais órgãos, mas o único da grande imprensa a dar destaque a seus despachos foi o *Jornal do Brasil.*[25]

Talvez por isso não tenha havido facilidades do DIP para a propaganda das potências beligerantes. A censura, nesse aspecto, parecia ser tão "democrática" à imprensa nacional quanto à estrangeira. Por exemplo, apesar de muitos enxergarem no Estado Novo simpatias pró-Eixo à época do discurso de Vargas a bordo do *Minas Gerais*, em junho de 1940, a polícia política nesse período, apreendia grandes volumes de impressos de propaganda da editora e jornal paulistanos *Deutscher Morgen*, uma das encarregadas da propaganda nazi no país.[26]

Muito da ação do DIP, por outro lado, seguia as reclamações das embaixadas: assim, se a embaixada alemã, em maio de 1940 solicitava punições a dois jornais polacos de Curitiba, ela era atendida; mas em setembro de 1940, o *Meio-Dia* também foi suspenso por cinco dias a pedido da embaixada norte-americana.[27]

As evidências indicam preocupação maior em relação à atividade nazi. Órgãos podiam ser fechados sob acusação de envolvimento com nazistas, como aconteceu em 1939, com o jornal *A Nota*. E jornalistas germanófilos foram detidos pela polícia política, como foi o caso, em julho de 1940, de Napoleão Lopes Filho e Gerardo de Melo Mourão, acusados de direcionar o *Diário da Manhã* (de Recife) para uma linha pró-Eixo.[28]

A estatização de *A Noite* e da *Rádio Nacional* em março de 1940, representou um golpe para a França e a propaganda aliada, mas deve ser interpretada menos como atitude pró-Eixo e mais como um ato para subtrair importante órgão da grande imprensa ao controle de uma das potências beligerantes.[29]

Enfim, houve uma polêmica envolvendo o alinhamento da imprensa em 1940-41: o caso de um mercante, o *Siqueira Campos*, apresado pelos britânicos por trazer armas da Alemanha para o Exército brasileiro. A tensão se refletiu na imprensa pela pressão do General Góes Monteiro, uma das maiores autoridades militares do país. Ele pressionou o DIP em dezembro de 1940 a proibir artigos favoráveis à Grã-Bretanha. Mesmo após a liberação do navio, a campanha antibritânica continuou, levando o Ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, a solicitar ao DIP, que a imprensa desse menos ênfase ao assunto.

Góes Monteiro resolveu então, fazer um inquérito a donos e editores de jornais do Rio (através do DIP): queria descobrir se eram pró-britânicos ou pró-brasileiros. Um dos que se conhece a resposta foi Paulo Bittencourt (dono do *Correio da Manhã*): além de informar que não queria participar da campanha antibritânica, publicou matéria paga pela *Comissão das Indústrias Britânicas*, reproduzindo comentário favorável de Oswaldo Aranha à Grã-Bretanha. Nesse mesmo dia, 19 de janeiro de 1941, o *Diário Carioca* criticou o

envolvimento de militares em assuntos civis. Góes Monteiro e o Ministro da Guerra, General Dutra exigiram a punição dos jornais e mandaram ocupar o *Diário Carioca*. Vargas, no fim das contas, mandou suspender o *Diário Carioca* por 48 horas. Contra o *Correio da Manhã*, nada foi feito.[30]

O caso demonstra até que ponto a imprensa podia se alinhar com os beligerantes e até que ponto podia insinuar crises internas no governo. A única punição que se concretizou foi sobre a insinuação de uma crise governamental. Entre assuntos externos e internos, estes tinham precedência.

Seja como for, em 1941 a balança começaria a pender para os Aliados. Em março, quando o *Taubaté* foi metralhado por um avião alemão, matando um brasileiro, isso causou indignação e fez que casos como o do *Siqueira Campos* parecessem menores. Ao longo desse ano, Brasil e EUA começariam a negociar acordos (sobre a cessão de bases para os EUA no Brasil em troca de armas para as Forças Armadas e a construção de uma siderúrgica) que alinharam o país aos Aliados. E os EUA começariam a colocar em funcionamento uma máquina de propaganda que colocaria a maioria da imprensa contra o Eixo.

As coisas mudaram de um ano para outro: por exemplo, em 1940, quando houve um banquete para comemorar a nova direção do *Fanfulla*, os estudantes da faculdade de Direito do largo de São Francisco foram à redação do *Diário da Noite* reclamar que a "imprensa estrangeira [...] estava abusando da tolerância brasileira ao atacar nações que mantinham uma amizade tradicional com o Brasil". Era um protesto formal, mas possível naquelas circunstâncias. Já em junho de 1941, quando a *Corriere Degli Italiani* publicou caricaturas ofensivas a Sra. Roosevelt e Churchill, um grupo de estudantes da mesma instituição invadiu a redação, marcou nas paredes o "V" da vitória e tomaram todos os exemplares possíveis da revista que terminaram numa fogueira defronte à faculdade...[31]

A imprensa eixista, de todo modo, não era grande: ainda os jornais que serviam à colônia teuto-brasileira, aos quais se juntariam os dirigidos à colônia ítalo-brasileira (a partir de 1940, as embaixadas italiana e alemã passaram a coordenar esforços de propaganda) e à colônia nipo-brasileira. Sendo que a imprensa imigrante a partir de fins de 1941, foi obrigada a publicar em português e era, geralmente, restrita às próprias comunidades. O regime de Vichy tinha influência sobre a revista *Dom Casmurro*, mas serviu mais para desorganizar a propaganda da França Livre no país que defender abertamente o Eixo.[32]

Havia jornais que recebiam apoio da *Transocean*, como o *Meio Dia* e o também carioca *Gazeta de Notícias* (que depois, sofreria boicote de publicidade dos EUA), além de jornais em São Paulo, Bahia e Pernambuco, que eram de importância média.[33]

Visto que a influência nazi sobre a imprensa era pequena, uma forma de interpretar essa influência (que não teria a capacidade de orientar a opinião pública para uma posição pró-Eixo) era que o que se esperava mesmo era que servisse a outros propósitos, particularmente, a de estabelecer contatos para uma rede de espionagem.

Considerável número de jornalistas foi acusado de envolvimento com espionagem: caso de Antonio Gonçalves da Silva Barreto, do *Diário de Pernambuco*, que conseguia fotos e informações sobre navios britânicos de passagem;[34] de Vicente Paz Fontenla, preso em 1943, por ter recebido financiamento da embaixada alemã para publicar o *Boletim Mercantil de estudos político-econômicos documentados*: onde criticava os Aliados e defendia a neutralidade brasileira; e por tentar se aproximar da embaixada dos EUA para possivelmente tentar espioná-la;[35] de Maria Teresa Cavalcanti Ellender, (da revista de aviação *O Correio do Ar*, que conseguia informações sobre o tráfego aéreo norte-americano no país); de Sandulfo Rebouças de Lima, do *Monitor Mercantil da Bahia* (que produzia relatórios sobre movimentação portuária); de Gerardo de Mello Mourão (quando já estava no Rio, na *Gazeta de Notícias*), sendo que Ellender e Mourão tentaram ir para os EUA para espionarem por lá;[36] e enfim, do funcionário da *Transocean* (que ainda era informante da polícia política!), José Bráulio Guimarães.[37]

Em 1942, com o torpedeamento de navios brasileiros e a entrada do país na guerra, a maioria da imprensa eixista seria fechada, empastelada ou mudaria de mãos: caso, por exemplo, do *Diário de Notícias da Bahia*, que foi vendido aos *Diários Associados*, após ter sobrevivido a um empastelamento popular.[38]

Até o DIP – entre o rompimento de relações com o Eixo (janeiro de 1942) e a entrada do país na guerra (agosto de 1942), veria a exoneração de seu primeiro diretor, Lourival Fontes, em julho, em meio a uma crise na cúpula do governo. Embora Fontes tenha saído "para agradar Dutra", a *Rádio Berlim*, em sua programação para a América do Sul, citou sua saída como "prova inconteste" de que o Brasil era uma colônia ou protetorado dos EUA.[39]

Portanto, a partir de 1941, com o alinhamento do país aos EUA, a imprensa também se alinharia, denunciando o *quinta-colunismo* (atos de sabotagem e espionagem nazi-fascistas) no país (não sem uma dose de sensacionalismo).

Porém, ao contrário do que ocorreu durante a I Guerra, a imprensa não ficou passiva com o fim da neutralidade. De 1942 a 1945, ela tornou-se mais ativa: culminando com o envio de correspondentes para cobrir a campanha da Itália (contra as determinações iniciais do governo).

Isso quer dizer que a imprensa brasileira tornou-se mais dinâmica entre uma guerra e outra? Talvez, mas podemos notar melhor isso na relação da imprensa com a censura.

Censura

Parte da passividade da imprensa a partir de 1918 deveu-se à implantação da censura de guerra por parte do governo. No âmbito da entrada do país na guerra em 1917, a censura começou a ser implantada. Seu objetivo era controlar informações estratégicas, os rumores alarmistas que desde o início de 1917 assolavam a imprensa e calar a imprensa teuto-brasileira.

Em relação a notícias estratégicas, isso se referia às informações sobre a saída de mercantes dos portos – então muito comuns. De fato, a espionagem alemã no Brasil podia coletar as informações nos jornais e através de navios a seu serviço ou estações de rádio clandestinas passar essa informação aos corsários alemães que perambulavam pela costa brasileira, o que levou de 1914 a 1918 ao afundamento de vários navios aliados e neutros ao largo do Brasil (essa situação se repetiria na II Guerra). Os Aliados ansiavam pela censura a essas informações: a Grã-Bretanha "reconhecia que o controle dos cabos de comunicação pelos aliados ganharia uma nova dimensão com o estabelecimento de um efetivo serviço de censura em Pernambuco, impedindo as comunicações" entre a Alemanha e a América do Sul, o que seria o "mais importante resultado da entrada do Brasil no conflito". Também os EUA ansiavam por esse serviço de censura, já que sua inteligência detectou grande atividade de uma estação clandestina alemã na região.[40]

Os rumores alarmistas ecoavam desde os afundamentos de navios brasileiros a partir de abril de 1917. A cada navio afundado, parte da imprensa vociferava contra tudo que representasse a Alemanha e houve casos de tumultos, com prédios incendiados (alguns de jornais), mortos e feridos em cidades como Porto Alegre, Florianópolis, Recife e Santos. O objetivo do governo era impedir a propagação do pânico. E talvez impedir que a imprensa dirigisse seus dardos contra as oligarquias que dominavam o país: Nereu Rangel Pestana (sob pseudônimo de Ivan Subiroff), por exemplo, denunciou em *O Estado de São Paulo*, as ligações da oligarquia paulista (incluindo o ex-presidente Rodrigues Alves) com o capital alemão no Brasil (dado que seria usado por Rui Barbosa na campanha presidencial de 1919).[41]

O silenciamento da imprensa teuto-brasileira ecoava o temor da influência do *Reich* sobre os teuto-brasileiros. Proibindo-se toda publicação em alemão no

país, esperava-se desmobilizar essa ameaça. A medida foi traumática, pois essa imprensa setorizada mediava, traduzia, as expectativas e comportamentos de parte da colônia teuto-brasileira em relação à sociedade e ao Estado brasileiros. Embora a imprensa teuto-brasileira passasse a publicar em português e assumisse um tom nacionalista, importantes jornais desse setor desapareceram.

No contexto da adoção da Lei de Guerra em 1917, estabeleceu-se o controle da informação pelo governo federal, talvez numa dimensão nunca antes vista: havia censura postal, telegráfica e da imprensa (podendo se estender a outras mídias, como o cinema). Para não caracterizar a censura como repressiva – ao menos segundo a ótica do governo, ela foi feita por funcionários civis do Ministério da Justiça e não pela polícia. Ela começou em novembro de 1917, conforme comentou ironicamente o editorial do jornal paulista *A Gazeta* em 21 de novembro: "Começou hoje a exercer-se a censura oficial na imprensa. O *Correio Paulistano* – quem diria que a estréia seria do órgão oficial? – já apareceu com um pedaço de coluna em branco".[42]

Parece que a grande imprensa submeteu-se à censura e isso explica o tom morno adotado ate o fim da guerra. A guerra resumiu-se aos comunicados vindos do *front* e mesmo o envio da colaboração militar brasileira contou com uma cobertura mínima, não se enviando correspondentes para acompanhar a DNOG ou a Missão Médica Militar.

⋆

A implantação da censura desmobilizou a imprensa brasileira na I Guerra, o que nada tem de surpreendente. Surpreendente é como a imprensa driblou um contexto de censura e conquistou gradual autonomia, como ocorreu durante a II Guerra. Resta então a pergunta: o que teria levado a isso?

Poder-se-ia responder que a participação maior na guerra criou condições para a liberalização do regime, mas a mobilização poderia ter gerado mais controle: como aconteceu na I Guerra. Então como poderíamos entender o enfraquecimento da censura?

Para responder essa questão deve-se avaliar qual a dimensão do afamado DIP. Quando foi criado em dezembro de 1939, ele veio a atender – de forma um tanto tortuosa, uma demanda da grande imprensa carioca, que em nota publicada em 09 de dezembro de 1939 em *O Jornal* (subscrita pelos donos ou editores dos principais jornais) protestava contra a censura exercida pela polícia. Esta, controlada pelo eixista Filinto Müller, submetia jornalistas a ameaças e prisões. E o DIP não atendeu só a uma demanda da imprensa: a embaixada francesa creditou ao DIP a redução da pressão sobre os serviços das agências aliadas.[43]

O DIP exercia um controle ainda autoritário, porém, menos truculento: tecnicamente, os jornais não eram mais empastelados: sofriam intervenção sob a égide do *Conselho Nacional de Imprensa* (um dos ramos do DIP): caso de O *Estado de São Paulo* em 1940-45 (uma intervenção dada não pela sua postura aliadófila, mas pela insistência em se intrometer na política interna).[44]

O DIP não exercia apenas a censura: distribuía papel, controlava parte da publicidade e – através de uma de suas subdivisões ainda existente, a *Agência Nacional,* distribuía matérias e fotos.

A maioria dos analistas indica que a decadência do DIP começaria por volta de 1941 e estaria completa em 02 de fevereiro de 1945, com a famosa entrevista de José Américo de Almeida sobre a sucessão presidencial (publicada no *Correio da Manhã*); ou a matéria que no mesmo dia publicou *O Globo*, revelando a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes à sucessão. De fato, a partir daí, os censores do DIP seriam ignorados pela grande imprensa.[45]

Enfim, em 02 de março de 1945, Vargas anunciaria numa coletiva que o DIP doravante, se dedicaria apenas à promoção da cultura brasileira. No dia seguinte, porém, um discurso de Gilberto Freyre - a favor da candidatura Eduardo Gomes, da sacada do *Diário de Pernambuco*, foi reprimido pela polícia ao saldo de dois mortos, feridos, a prisão de um repórter e do redator-chefe e o empastelamento do jornal. O que demonstra que o virtual fim do DIP não significava a garantia da liberdade de expressão.[46]

Ainda assim, como pôde decair tão rápido uma estrutura de controle tão eficiente como parecia ser o DIP?

Possivelmente a resposta se encontra no fato do DIP ter encontrado um rival. O *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*, criado em 1940 pelo governo dos EUA e chefiado por Nelson Rockfeller para coordenar esforços econômico-culturais com a América Latina e que a partir de 1941 começou a atuar no Brasil. Ao longo da guerra, esse birô coordenou esforços do governo e empresas norte-americanas que gastaram milhões de dólares em propaganda na imprensa brasileira, exercendo o domínio na distribuição de notícias sobre a guerra.

Isso foi feito, por exemplo, através da Agência Interamericana, fundada por Armando d´Almeida em 1940 – que traduzia e distribuía material da UP e AP, publicava artigos de jornalistas brasileiros contra o Eixo (pagando salários mais altos que os da imprensa), promovia conferências e até produzia cartazes. Além disso, o *Office* facilitou a exportação de papel e outros insumos dos EUA para jornais aliadófilos. E estimulou publicações e programas

de rádio que ultrapassaram o âmbito da guerra: caso das *Seleções do Reader´s Digest* e do *Repórter Esso*.[47]

Embora fosse uma instituição aliada ao DIP na causa da propaganda contra o Eixo, na pratica foi sua rival, já que a imprensa passou a depender tanto do *Office* quanto do DIP – que até cedeu alguns de seus membros: a seção brasileira do *Office*, por exemplo, era chefiada por Júlio Barata que havia deixado o DIP.[48]

Com tal competição, não surpreende que a hegemonia do DIP fosse sendo erodida e estivesse extinta nos últimos meses da guerra. Não era só porque a imprensa brasileira estivesse mais dinâmica, ela estava bem amparada economicamente. Dessa forma, explica-se a gradual autonomia da imprensa brasileira em relação ao DIP e o seu crepúsculo.

⋆

Um tópico especial sobre a censura deve ser citado: o de seu impacto sobre a imprensa voltada às colônias de imigrantes. Censura talvez nem seja o termo apropriado: supressão seria mais correto.

No caso da colônia teuto-brasileira é interessante comparar que o nível de repressão sobre ela foi semelhante nas duas guerras (nove jornais teuto-brasileiros desapareceram em 1917-18, mesmo número desaparecido em 1942-45). Dada a intensidade da violência que acompanhou essa repressão – em meio a conflitos e depredações, isso levou a colônia ou à acomodação às ordens do governo ou ao silêncio estratégico, para só voltar a se manifestar no pós-guerra.[49]

Caso específico da II Guerra deu-se com a colônia nipo-brasileira, a menos assimilada. Sua imprensa – tal como a das demais colônias, já havia sido obrigada a publicar em português em 1941, o que a levou a dificuldades financeiras e à virtual extinção em 1942, com a entrada do Brasil na guerra. Porém, desconfiando do relato aliadófilo da imprensa brasileira em 1942-45, ocorreu, o surgimento de uma organização para manter o ânimo na vitória do Japão: a *Shindo Renmei*.

Essa organização clandestina cresceu porque conseguiu montar eficiente estrutura de contra-informação – baseada em circulares e jornais mimeografados, telefonemas e até uma rádio clandestina. Dado que as proibições sobre a imprensa em língua estrangeira continuaram no imediato pós-guerra, a *Shindo Renmei* se recusou a aceitar a derrota japonesa e evoluiu para organização terrorista, assassinando aqueles que qualificava de "derrotistas". A partir daí, uma considerável repressão policial conseguiu desbaratar a organização em 1947.[50]

Esse foi um exemplo das conseqüências dramáticas que a censura podia ter ao silenciar toda a imprensa de uma determinada comunidade imigrante, cujos membros, em parte, se recusaram a aceitar a versão corrente no resto da imprensa. O que começou como censura, transformou-se numa batalha pela informação e terminou em trauma.

Imprensa de guerra & correspondentes de guerra

Tratemos agora da imprensa de guerra, uma imprensa especial: publicações que tiveram suas existências unicamente ligadas ao contexto das guerras. Também qualificaremos como imprensa de guerra, aquela feita por ou voltada para forças brasileiras no *front*, para comentar a rotina da guerra ou manter o ânimo da tropa.

Durante a I Guerra houve várias dessas publicações. Inicialmente, surgiram diversas com o título *A Guerra*: que tanto podiam refletir um interesse local pelo assunto (como parecia ser o caso de *A Guerra – semanário de informações sobre a conflagração européia*, publicação soteropolitana fundada por Antonio M. Tourinho em 1915, ou das cariocas *Boletim da Guerra* e *A Grande Guerra*, de 1914); como podiam ser editadas com uma tendência aparentemente alemã (como insinuava uma publicação carioca da *Turnauer & Machado*, de 1915: *A Guerra Européia Ilustrada*) ou aliadófila: caso que parecia ser o da carioca A Guerra (dirigida por P. Borghini em 1917) e de *A Guerra*, editada pela londrina *Williams Lea & Co. Ltd*.

O *Aliado* era distribuído gratuitamente em Florianópolis, a partir de 1915, se dedicando a denunciar os germanófilos locais, em especial, o principal jornal local (e órgão do situacionista Partido Republicano Catarinense), *O Dia*.[51] Também a partir de 1915 foi lançado o jornal O Espelho, impresso em Londres pela The Brazil Press Association (uma fachada para a *Wellington House* ou *War Propaganda Bureau*, o serviço secreto de propaganda de guerra britânico).[52]

A *Revista Comercial dos Aliados* foi editada a partir de 1917, pelas *Câmaras Reunidas de Comércio Aliadas do Brasil* para defender a *black list* (relação de empresas de capital alemão e de outros países dos Impérios Centrais ou a elas associadas, que eram boicotadas pelos Aliados) e promover a integração da economia brasileira às necessidades dos Aliados.[53]

Os franceses tinham a *Maison de la Presse* – fonte das notícias que todos os dias chegavam pelo telégrafo em quatro postos no Rio de Janeiro e eram distribuídas pela Havas. Mas não criaram muitos periódicos em português salvo *A Guerra Ilustrada e o Boletim da Aliança Francesa* (com o qual o governo francês gastou no Brasil ao longo da guerra, 240 mil francos).[54]

Os EUA, também tinham uma agência de propaganda: o *U. S. Comitte on Public Information* (ou *Creel Committe*, por ser chefiado pelo jornalista George Creel). Para ter o apoio das empresas norte-americanas instaladas na América Latina, criou o *Bureau of Latin-American Affairs* (chefiado por Edward L. Bernays). No Brasil, o comitê (atuante em 1918-19) era dirigido pela embaixada dos EUA (que distribuía filmes e publicava panfletos). Em relação à imprensa, distribuía (através da *Havas*) informações para jornais do Rio, São Paulo, Bahia, Pernambuco, Pará e Rio Grande do Sul.[55]

Quanto aos alemães, preferiram investir em publicações de denominação menos explícita. Uma das exceções foi fundada em Porto Alegre no início da guerra: *Bismarck*. Mesmo quando criadas por agentes alemães, tendiam a utilizar denominação genérica: caso do jornal gaúcho *Monattsbläter*, criado pelo suíço G. W. Zimmerli e que era órgão do *Germanische Bund für Südamerika*.[56]

Um curioso panfleto germanófilo apareceu em Buenos Aires no momento em que o Brasil entrava na guerra, em 1917: *Nuestra Guerra,* que profetizava uma guerra do Brasil (apoiado pelos EUA) contra a Argentina. Seu autor, Pedro de Córdoba, era na realidade Julio Cola, diretor do *La Gaceta de España*, que teria contado com o apoio da legação alemã em Buenos Aires.[57]

Quanto ao governo brasileiro não houve interesse em editar uma publicação de guerra. O máximo foi a publicação pela *Imprensa Nacional* de cartazes (feitos por alguns dos melhores caricaturistas da época como Raul Pederneiras e Seth).

Em relação à imprensa feita pelos combatentes, o único exemplo foi *O Torpedo*, jornal manuscrito a bordo do *La Plata*, navio francês que levou a Missão Médica Militar à França em agosto de 1918. Tinha artigos e charges de dois membros da missão: o jornalista Antonio Marques Pinheiro e o Tenente Alfredo de Moraes Coutinho: dedicava-se a criticar o severo regime imposto pelo capitão do navio e foi por este logo empastelado. Não há informações sobre publicações dentro da DNOG, embora essa tradição existisse dentre os grêmios literários de marinheiros e oficiais. A faina nas belonaves não deve ter permitido a publicação de nenhum informativo. Situação que, ao que tudo indica, continuou na II Guerra.[58]

⋆

Durante a II Guerra, dado o controle do DIP, praticamente não encontramos uma imprensa de guerra antes de 1942, salvo publicações clandestinas ou que faziam uma propaganda mais ou menos discreta: caso de *A Grã-Bretanha de Hoje*, editada em português a partir de 1939.

Com a entrada do país na guerra, o DIP irá editar farto material de propaganda (cartazes etc.). Mas essa atividade será colocada à sombra pelo *Office*, que a partir de 1943 distribuiria no Brasil e demais países latino-americanos a *Em Guarda* (só em 1943 seriam distribuídos mais de 650 mil exemplares no Brasil), além de vários folhetos, pôsteres etc. O que bem ilustra como os esforços do DIP foram ultrapassados pelo seu rival/aliado.

As tropas americanas em bases no Brasil tinham sua própria imprensa: como o *Foreign Ferry News* (1943-45) e o *The SAT´D Weekly Post* (1943-46), que circulavam na base de Natal. Apesar da proibição da imprensa em língua estrangeira no país, os norte-americanos mantiveram esse privilégio.[60]

Houve considerável imprensa voltada para a FEB. Dentre aquela feita pelos seus membros podemos relacionar: *O Cruzeiro do Sul, O Zé Carioca, E A Cobra Fumou, O Sampaio, Vem Rolando, Marreta, Tá na Mão, Vanguardeiro e A Tocha.*

A maioria dessa imprensa era mimeografada, com exceção de *O Cruzeiro do Sul*, que se tornou órgão oficial da FEB e era impresso numa pequena tipografia de Florença. *O Zé Carioca* também era uma publicação do *Serviço Especial* – de recreação e bem-estar, da FEB. *A Tocha*, derradeira publicação, foi mimeografada a bordo do *USS General Meighs*, que trouxe as últimas tropas da FEB e FAB da Itália para o Brasil em julho de 1945; feita pelo soldado Hélio Oliva da Fonseca (da FAB) e pelo cabo Nathan Pithan e Silva.[61]

Tiravam suas matérias da rotina do *front* e notícias do Brasil ouvidas das estações de rádio de ondas curtas brasileiras captadas na Itália. Os jornais brasileiros eram avidamente lidos, mas chegavam com mês e meio de atraso, daí um dos motivos da existência dessa peculiar imprensa.[62]

Talvez algumas tivessem permissão para existir, outras, nem tanto: *E A Cobra Fumou* tinha anotado em alguns de seus números: "não registrado no DIP". No geral, eram feitas por combatentes que na vida civil eram professores, universitários, artistas (Carlos Scliar chegou a colaborar em *O Cruzeiro do Sul*). Parece que seu principal objetivo era manter o ânimo da tropa.[63]

Ânimo perturbado pela propaganda nazi-fascista. Era comum que jornais italianos em áreas controladas pelos fascistas como o *La Stampa di Torino* qualificassem a FEB em termos como "mercenários". Havia até um programa de rádio voltado a FEB: a Rádio ou *Hora Auriverde*, da *Rádio Vitória* (do exército alemão). E a artilharia alemã atirava panfletos com retratos de moças seminuas e dizeres em português do tipo: "Quando vocês verão isso de novo? Não morram idiotamente na guerra. Entreguem-se"; ou "é o americano imperialista que quer fazer do Brasil uma colônia".[64]

Talvez toda essa atividade explique a imprensa feita pela FEB e o surgimento de *O Globo Expedicionário* (semanário publicado por *O Globo*, de julho de 1944 a maio de 1945, impresso no Brasil e enviado à Itália com notícias gerais e cartas dos familiares). Explica, sem dúvida, a criação de um serviço de contrainformações dentro da FEB, que tinha como uma de suas funções fazer "cessar a publicação de quaisquer jornais que prejudicassem a moral e a eficiência de nossa tropa".[65]

No final, pode-se dizer que a FEB venceu a batalha da informação: a rádio alemã foi desmantelada e a artilharia da FEB passou a lançar seus próprios panfletos, exortando os alemães a se render, o que ocorreu em maio de 1945.

⋆

A imprensa brasileira não ficou numa posição passiva, apenas recebendo ou interpretando as notícias a partir de fontes externas, ela também teve correspondentes, acompanhando a guerra de perto. Essa atividade não foi nova, remontava – no mínimo, à Guerra do Paraguai. Geralmente, os correspondentes eram diplomatas ou militares, mas, a atividade foi sendo exercida cada vez mais por jornalistas.

No início da I Guerra havia na Europa considerável número de brasileiros. Um deles era o diplomata aposentado Oliveira Lima, que tão logo começou a guerra passou a ter a coluna "Ecos da Guerra" em *O Estado de São Paulo* (escrevia também para o *Diário de Pernambuco*) com tom germanófilo. Isso lhe causaria problemas que terminaram com sua virtual expulsão da Grã-Bretanha. Outro que teve problemas com os britânicos foi o correspondente do *Correio da Manhã*, o jornalista Azevedo Amaral, que teve que voltar ao Brasil em 1916, pelo tom crítico de seus artigos e antes que lhe envolvessem num processo político ou por espionagem. Enfim, em 1917, o jornalista e diplomata Patrocínio Filho foi preso, acusado de espionagem (teria feito declarações suspeitas numa viagem à Grã-Bretanha), tendo sido libertado só no início de 1919: processo por ele descrito numa série de artigos na *Gazeta de Notícias* que em 1923 seriam transformados no livro *A Sinistra Aventura*.[66]

Na Grã-Bretanha esteve também em 1915, o correspondente de *A Noite*, Medeiros e Albuquerque, investigando o caso de Fernando Buschmann, brasileiro acusado de espionagem e fuzilado. Medeiros e Albuquerque, político, jornalista e ligado ao serviço diplomático, estava radicado em Paris, para onde havia ido antes da guerra, num exílio causado por sua oposição ao hermismo. Porém, ele não deve ter tido problemas, pois, ao contrário dos demais jornalistas brasileiros que eram germanófilos, críticos ou – no caso de Patrocínio Filho, um tanto azarados, Medeiros e Albuquerque possuía sólidas credenciais

aliadófilas, cultivadas em Paris (foi ele quem denunciou o germanofilismo de O. Lima às autoridades). Porém, logo voltaria ao Brasil onde faria campanhas pela entrada do país na guerra.[67]

Ainda em Paris, existiam outros correspondentes, como F. Mesquita (de *Fon-Fon*!) e o adido militar brasileiro, Major Malan D´Angrogne: como tinha acesso às trincheiras, transformou algumas de suas impressões em artigos publicados no *Correio do Povo* como "As Quinzenas da Guerra".[68]

Na Itália, no início de 1915, havia pelo menos três correspondentes ítalo-brasileiros: Carlo Parlagreco *(Jornal do Brasil)*, Alfredo Cusano (*Fon-Fon*! e outros jornais) e Nicola Ancoma Lopes (*O Estado de São Paulo*).[69]

Com o envio de militares brasileiros ao *front*, era comum nas revistas a publicação de fotos deles (provavelmente enviadas pelos próprios). Em relação a informações sabe-se que alguns membros da Missão Médica enviavam telegramas, cujo conteúdo era eventualmente publicado pela imprensa.[70]

A Conferência de Versalhes seria coberta por 435 jornalistas do mundo inteiro, sendo que seis eram brasileiros: João do Rio *(O País)*, Oto Prazeres *(Jornal do Brasil)*, Pedro da Costa Rego *(Correio da Manhã)*, Gustavo Barroso *(Fon-Fon!),* Cypriano Lage *(A Rua)* e Oscar de Carvalho Azevedo (diretor da *Agência Americana* e do birô de imprensa da embaixada brasileira à conferência).[71]

Destes, o que fez o mais importante trabalho (embora Oto Prazeres tenha escrito o interessante *A Liga das Nações*, em 1922) foi João do Rio, cujos artigos foram transformados em três volumes intitulados *Na Conferência da Paz* (1919). Ele chegou numa Europa ainda convulsionada no final de 1918, entrevistou várias autoridades, os membros da Missão Militar brasileira que entraram em combate em unidades do exército francês nos últimos meses da guerra e inquiriu várias personalidades sobre se a participação do Brasil na guerra tinha sido efetiva.

Sua obra só encontraria rival num jornalista germanófilo (a quem o próprio João do Rio acusara de ser um agente a soldo de Berlim): Assis Chateaubriand, que vai para a Europa em fins de 1919, a convite de Edmundo Bittencourt (dono do *Correio da Manhã*), para entrevistar os perdedores da guerra, os alemães. Apesar da resistência dos militares alemães a um jornalista de um país que foi inimigo, se valeu de suas credenciais na imprensa germanófila brasileira para vencer essas resistências. Seus artigos seriam transformados no livro *Alemanha* (1921).[72]

⋆

No início da II Guerra os primeiros brasileiros a trabalhar em funções que consideraríamos de correspondentes de guerra (na medida em que estavam

envolvidos com órgãos de comunicação estrangeiros voltados para a divulgação de propaganda de guerra para o Brasil) foram os que trabalhavam em estações de rádio com programação voltada para o país. Na França, artistas como Di Cavalcanti, Noemia Mourão e Cícero Dias participaram de programas da *Radiodiffusion Nationale* para o Brasil em 1939.[73]

Na URSS estava desde o início dos anos 30, Otávio Brandão, antigo militante anarquista (em 1917, um artigo seu contra a entrada do Brasil na guerra, levou uma multidão a empastelar a *Semana Social* em Maceió) depois convertido ao marxismo. Em 1943, irradiava um programa em português na *Rádio Moscou*.[74]

A *Rádio Berlim* também tinha uma programação para o Brasil, na qual trabalhavam três teuto-brasileiros: Maximiliano Stahlschmidt, Dohms (que chegou a ir à Itália em 1944, para entrevistar prisioneiros da FEB) e Hunsche, redator-chefe da hora brasileira da rádio.[75]

Tópico especial deve ser dado ao serviço brasileiro da *British Broadcasting Corporation* (BBC), criado em 1938, junto ao serviço latino-americano. Seja por que isso já era comum no jornalismo brasileiro da época, seja para não melindrar a neutralidade do Brasil, o fato é que até 1942, a maioria dos brasileiros da BBC, utilizava pseudônimos: Manuel Antônio Braune (conhecido como "Aymberê"), sua esposa Rachel ("Dulce Jacy", que também trabalhava na embaixada brasileira), Isabel do Prado ("Patrícia Campo"), Geraldo Cavalcanti ("Bento Fabião", cujas crônicas depois se tornariam o livro *Londres*, 1941-1945) e José Martins Pinheiro ("P.Xisto"). Outros brasileiros que lá trabalharam durante a guerra foram: a esposa de Cavalcanti, Lya, Antonio Callado (que também escrevia artigos para *O Globo* e *O Correio da Manhã* e que a partir de 1944 trabalharia no serviço brasileiro da *Radio-Diffusion Française*), Joaquim Ferreira, Ramos de Carvalho, Julio Rosen, Michael Oud, William Tate, Simone Ruffier, Marcelino de Carvalho, Emílio Carlos, Ribeiro Dias, A. de Oliveira, além de tradutores e datilógrafos. Publicavam ainda um boletim, *A Voz de Londres* (1938-51).[76]

Só após a entrada do Brasil na guerra é que a imprensa enviou correspondentes ao *front*. Os *Diários Associados* parecem ter sido os primeiros a fazê-lo: em 1943, Barreto Leite Filho foi para a Tunísia e em 1944, Murilo Marroquim (que também trabalhava para a BBC) para a Europa. Tentaram enviar o Coronel Euclydes Figueiredo ao *front* russo, mas como era inimigo de Vargas, seu nome foi vetado. Edmar Morel também seria vetado por Dutra por suas ligações ao Partido Comunista.[77]

Então começou a pressão pelo envio de correspondentes com a FEB. Inicialmente o governo permitiu apenas os da *Agência Nacional*. Mas, finalmente, cedeu.

A FEB contou então com os seguintes correspondentes: Rubem Braga (*Diário Carioca*), Egydio Squeff (*O Globo*), o ex-combatente da I Guerra Mundial – que por isso utilizava o pseudônimo "Veterano", Raul Brandão (*Correio da Manhã*) e Joel Silveira (*Diários Associados*). Apesar da relutância inicial do governo em aceitar esses correspondentes, outros atuariam brevemente com a FEB, caso de Barreto Leite Filho (que cobriu a FEB antes da chegada de Joel Silveira) e de Silvia Bittencourt, correspondente da UP e BBC, que publicaria em 1951, *Seguindo a Primavera*, sobre sua correspondência de guerra.[79]

Havia os correspondentes (repórteres, fotógrafos e cinegrafistas) da *Agência Nacional*: Sylvio da Fonseca, Fernando Stamato, Adalberto Cunha e Thassilo Mitke e um fotógrafo-cinegrafista da própria FEB: Horácio Coelho Gusmão.

E havia os correspondentes de órgãos estrangeiros: o radialista anglo-brasileiro, Francis Hallawell, o "Chico da BBC" (que em 1946, lançaria *Scatollettas da Itália*); os da AP (Harry Bagley), da *Reuters* (Harry Buckley) e até repórteres (Frank Norall e Carrol Pecke) e um fotógrafo e cinegrafista (Allan Fisher) do *Office*, que até na Itália competia com o DIP.

Dois deles teriam mais notoriedade: Rubem Braga (que em 1945 lançou *Com a FEB na Itália*) e Joel Silveira, que de 1945 (com *Histórias de Pracinha*) até 2005 (com *O Inverno da Guerra*) lançou vários livros sobre suas experiências. Em comum o fato de que eram opositores da ditadura, meio exilados do Brasil.[80]

Os combatentes brasileiros (dentre os quais havia jornalistas) eventualmente produziam para a imprensa: por exemplo, Hallawell em seu programa de rádio diário para o Brasil utilizava textos de *O Cruzeiro do Sul*.[81]

A *Rádio Auriverd*e era dirigida por dois militares alemães (Anelmann Alta e Kreuzer) que haviam morado no Brasil, além de contar com a participação do italiano Felício Mastrangelo (que em 1940-42 havia feito programas de propaganda política italiana nas rádios brasileiras). Mas contava também com brasileiros: o locutor (e tenor) Emilio Balduino (que havia ido para a Itália em 1938 para estudar) e Margarida Hirschmann (a locutora "Iracema": residente na Alemanha no início da guerra e que havia trabalhado como taquígrafa de português na revista *Signal* e para a programação em português da *Rádio Berlim*), além do soldado (prisioneiro) da FEB, Antônio Ribeiro da Silva (que cuidava da discoteca). Balduino e Hirschmann, presos no fim da guerra, alegaram terem sido coagidos a esse serviço. Mas, o caso de Carlos

Pinto (brasileiro fuzilado na Alemanha em 1945, por ter se recusado a prestar serviços radiofônicos) pesou contra eles, levando à sua condenação.[82]

Tal como em Versalhes, a conferência de paz em Paris, em 1946, contou com boa cobertura de brasileiros: Samuel Wainer (*Diretrizes* e BBC), Carlos Lacerda (O *Observador Econômico e Social, Correio da Manhã* e *O Estado de São Paulo*), Barreto Leite Filho, Arlindo Pasqualini (*Correio do Povo*) e o caricaturista Álvarus (*A Noite*). Dessa cobertura veio o livro de Carlos Lacerda, *Como foi perdida a paz* (1947).[83]

Samuel Wainer, outro meio exilado, permaneceu na Europa até 1947. Aproveitando-se de seus contatos norte-americanos e britânicos (cultivados quando do alinhamento de Diretrizes aos Aliados em 1941) foi o único jornalista latino-americano a cobrir o julgamento de Nuremberg, inquirindo sobre a efetividade da participação brasileira na guerra, tal como havia feito João do Rio, na mesma Europa, quase 30 anos antes.

⋆⋆⋆

Apesar das limitações desse artigo, podemos perceber que as guerras mundiais foram momentos importantes para a imprensa brasileira

As guerras representaram momentos similares: colocaram a imprensa frente a um alinhamento, a conjuntura da censura se impôs, houve a atividade de uma imprensa de guerra e a atuação dos correspondentes de guerra brasileiros.

Em relação ao alinhamento a questão é mais complexa do que tem sido considerada. Durante a I Guerra, não se pode – salvo nalguns casos, qualificar genericamente a maioria dos órgãos como aliadófilos ou germanófilos. Boa parte deles manteve uma postura imparcial ou neutra (contemplando notícias de ambos os lados) até 1917. Durante a II Guerra, apesar da intervenção do DIP, nem toda postura assumida pela imprensa pode ser creditada a essa intervenção, sendo que uma postura imparcial também pode ter predominado até 1942.

A censura foi uma realidade com a qual a imprensa teve que conviver durante as guerras. Na I Guerra, foi tão intensa, que desmobilizou a imprensa. Já na II Guerra, o que vimos foi o gradual enfraquecimento do DIP, em grande medida pela atuação do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*, agência norte-americana que na prática atuou como rival do DIP, fortalecendo com informações e subsídios econômicos a imprensa brasileira, que ficou numa posição mais cômoda que durante a I Guerra.

Há quase que um total desconhecimento da imprensa de guerra no Brasil ou aquela feita pelas tropas brasileiras no front. Mas ela foi significativa. Como também, o trabalho dos correspondentes de guerra brasileiros – uma

categoria, marcada em parte pela situação do exílio. Mas eles cumpriram seu papel e alguns transformaram suas experiências em obras que talvez tenham sido das páginas mais interessantes do jornalismo brasileiro.

Enfim, avaliemos as tendências da influência das potências beligerantes na imprensa brasileira durante as guerras.

Em termos absolutos, a que teve atuação mais intensa foi a Grã-Bretanha. Ainda que ao longo da II Guerra essa atuação tenha sido ultrapassada pela dos EUA, a Grã-Bretanha manteve uma importante posição (a permanência do serviço brasileiro da BBC, hoje *BBC Brasil*, de certa forma simboliza isso). A Grã-Bretanha consolidou espaços na imprensa e opinião pública que depois seriam reforçados pelas instituições de propaganda dos EUA: que chegariam tarde na I Guerra e já bem iniciada a II Guerra.

As demais potências se voltaram para seu público tradicional: a França cultivou a francofilia das elites brasileiras; Itália e Alemanha, suas consideráveis colônias de imigrantes.

Mesmo assim, a Alemanha empreendeu significativas ações na imprensa. Se o objetivo era convencer a opinião pública da justiça da causa do *Reich*, esse objetivo jamais foi alcançado. Se o objetivo era o de reforçar o apoio da colônia teuto-brasileira ou influenciar setores específicos do público brasileiro – como determinadas esferas governamentais e da imprensa e orientar essa influência para os objetivos da guerra, essa é uma hipótese que precisa de uma melhor avaliação.

Notas

[1]Na II Guerra, submarinos italianos também afundaram navios brasileiros.
[2]Além da DNOG e Missão Médica foram enviados oficiais para treinar no *front*: aviadores à Grã-Bretanha e uma Missão Militar do Exército (à qual estava subordinada a Missão Médica) à França; outros serviram em belonaves e esquadrilhas dos EUA. Não há estimativa exata de quantos brasileiros morreram na I Guerra, a DNOG perdeu em águas estrangeiras quase 200 homens, mas muitos foram transferidos doentes e morreram no Brasil. Pouco mais de 450 brasileiros morreram na campanha da Itália. Alguns brasileiros foram combatentes das duas guerras: a maioria do almirantado brasileiro na II Guerra era de ex-combatentes da DNOG; a FEB teve pelo menos um membro que havia participado da Missão Médica: o Tenente-Coronel Bonifácio Antônio Borba; até a FAB tinha veteranos da I Guerra: o Brigadeiro Sá Earp que liderou o golpe de outubro de 1945 na FAB era um dos aviadores que voou missões de guerra na Grã-Bretanha. Muitos membros da Marinha Mercante estiveram nas duas guerras. Centenas de brasileiros foram voluntários em forças estrangeiras: alguns serviram como oficiais de ligação entre forças brasileiras e aliadas: um dos oficiais da marinha britânica junto a DNOG era o Tenente Pullen, um carioca, outro oficial de ligação brasileiro foi Herbert Aspinall, de Niterói (durante a II Guerra era correspondente do *Daily Mail* no Brasil); o Major John W. Buyers oficial de ligação entre o grupo de caça da FAB na Itália e a aviação militar norte-americana, era de Juiz de Fora. Alguns voluntários eram da imprensa: o paulista Americo Rotellini – morto no *front* italiano em 1917, havia sido do *Fanfulla*; o curitibano Pierre Closterman, foi *foca* do *Correio da Manhã* até 1940, quando foi para a guerra e se tornou o maior ás da aviação francesa.
[3]No início do século XX o "jornal ingressara, efetiva e definitivamente, na fase industrial, era agora empresa, grande ou pequena, mas com estrutura comercial inequívoca": Sodré, N. W. *História da Imprensa no Brasil*. S. Paulo, Martins Fontes, 1983; p. 275. As sedes: entre 1907 e 1910, as situadas na Avenida Central do Rio: de *O País*, *do Jornal do Commercio* e do *Jornal do Brasil* (primeiro prédio de 11 andares construído no Brasil e o mais alto da América do Sul); em Recife, entre 1914 e 1920, a do *Diário de Pernambuco*; em 1927-29, no Rio, a sede de *A Noite* (22 andares, o maior prédio em concreto armado do mundo); em 1930, em Salvador, a sede de *A Tarde*; em 1939, em S. Paulo, o "Palácio da Imprensa" da *Gazeta*. Outros construiriam sedes menos imponentes, mas que marcavam tremenda distância dos sobrados simples das sedes de jornais do século XIX.
[4]Bertonha, J. F. "Divulgando o Duce e o fascismo em terra brasileira: a propaganda italiana no Brasil, 1922-1943". *Revista de História Regional*, Vol. 5, n° 2, 2000. Disponível em: <http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=rhr&page=article&op=view&path[]=159> Acesso em 27/09/10; p. 106.
[5]Nos anos 40, Samuel Wainer assim classificava a grande imprensa: no Rio Grande, o *Correio do Povo*, em S. Paulo, *O Estado de São Paulo, A Gazeta* e o *Correio Paulistano*, na Bahia, *A Tarde*, em Pernambuco, o *Jornal do Comércio*, no Pará, *O Liberal*, no Rio, o *Correio da Manhã, O Globo, Diário de Notícias* e *Jornal do Brasil* e a rede dos *Diários Associados*, os demais estados não tinham jornais importantes: Wainer, S. *Minha Razão de Viver*. R. de Janeiro, Record, 1988, p. 135. Note-se a ausência de Minas Gerais, segundo estado em número de periódicos e terceiro em profissionais de imprensa nos anos 30: a falta de comunicações dentro do estado tornava a maioria dessa imprensa limitada a pequenas tiragens e dominada por chefes políticos locais,

com áreas sob influência da imprensa paulistana e carioca: Wirth, J. D. *O Fiel da Balança*. R. de Janeiro, Paz e Terra, 1982, p. 131-132.

[6]Trento, Ângelo. Il *"Fanfulla" di São Paulo e la stampa italiana in Brasile dal nazionalismo al fascismo* (1910-1922). Disponível em: <http://www.ponteentreculturas.com.br/media/textos_palestras/O_Fanfulla_de_Sao_Paolo_e_a_imprensa_italiana_no_Brasil.pdf> Acesso em 23/08/10; p. 1.

[7]Utilizamos capital político nos termos de Bourdieu: como este capital é um capital simbólico, isso torna o jornalista "detentor de um poder sobre os instrumentos de grande difusão que lhe dá um poder sobre toda espécie de capital simbólico", poder esse capaz "em certas conjunturas políticas, de controlar o acesso de um homem político ou de um movimento ao estatuto de força política que conte"; c.f. Bourdieu, P. "A representação política – Elementos para uma teoria do campo político", *O Poder Simbólico*. R. de Janeiro, Bertrand Brasil, 2009; .especialmente p. 189-190, n. 31. É discutível se esse poder foi efetivo na conjuntura brasileira das guerras mundiais: o alinhamento e a censura o relativizariam; inegável, foi o poder de pressão em alguns momentos.

[8]Broca, Brito. *A Vida Literária no Brasil*. R. de Janeiro, Livraria J. Olympio Editora, 1975; p. 265-270.

[9]Magalhães, M. B. *Pangermanismo e Nazismo*. Campinas, Editora da Unicamp; São Paulo, Fapesp, 1998, p. 105. *Germans in Brazil.* Baton Rouge, Louisiana State University Press, 1981, p. 99-100. O apoio católico dirigia-se mais à Áustria que à Alemanha e em contraposição à postura liberal e maçonica associada à Grã-Bretanha e França. *A Defesa Nacional* foi criada por oficiais do exército (apelidados de "jovens turcos") que estagiaram no exército alemão antes da guerra. Eventualmente, defendiam a Alemanha na grande imprensa sob pseudônimos como "Scharnhorst" e "Gneisenau" (nomes de belonaves alemãs): Skidmore, T. *Preto no Branco*. R. de Janeiro, Paz e Terra, 1976, p. 168. A inteligência dos EUA achava até que um deles espionava para a Alemanha: McCann, F. *História do Exército Brasileiro*. S. Paulo, Cia. Das Letras, 2007; p. 599, *n*. 86.

[10]A principal agência alemã tinha a sido a *Wolff,* que foi perdendo espaço ao longo da guerra para a nova agência.

[11]Luebke, F. C. *Op. cit.,* p. 88-91.

[12]Sobre o caso: Vinhosa, F. L. T. *O Brasil e a Primeira Guerra Mundial*. R. de Janeiro, IHGB, 1990; p. 28-30, 217; Silva, G. M. da. *O Brasil na Guerra Européia* (1914-1918): *uma face da dependência nas relações internacionais.* 1979. Dissertação (Mestrado). Universidade Nacional de Brasília, Brasília; p. 88. O editorial de *A Razã*o ocorreu após a captura pelos alemães do *Rio Pardo* no início de dezembro: Martin, P. A. *Latin América and the War*, Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 1925; p.49. Um olhar da imprensa norte-americana sobre a situação: "Brazil begins U-Boat inquiry" *New York Times*, 05/05/16. Disponível em: <http://www.query.nytimes.com/mem/archive_free/pdf?res=F70C1FFD3A5B17738DDDAC0894DD405B86DFID> Acesso em 23/09/10. "Press demands action" era um dos subtítulos da matéria. Ao que tudo indica, o controle do *Jornal do Commercio* pelos franceses foi ocasional: em 1923. a embaixada francesa tentaria assumir o controle direto do jornal: Suppo, Hugo R. *La politique Culturelle Française au Brésil entre lês annés* 1920-1950. 2000. Tese de Douturado. Université Paris III – Sorbonne Nouvelle, Paris; Disponível em: <http://tede.ibict.br/tde_arquivos/1/TDE-2005-02-21T11:46:45Z-90/Publico/HugoRogelioSuppo_intro_cap_3.pdf> & <http://tede.ibict.br/tde_arquivos/1/TDE-2005-02-21T11:46:45Z-90/Publico/HugoRogelioSuppo_cap_4_biblio.pdf> Acesso em 15/10/10; p. 55-56.

[13]Essa revista (1915-20) era editada no Brasil por João do Rio (literato-jornalista aliadófilo) e em Portugal por João de Barros. Interessante notar que em face das guerras mundiais, Brasil e Portugal empreenderam colaborações culturais visíveis em publicações binacionais: em 1942, surgiu a revista *Atlântico* (editada pelos chefes dos serviços de imprensa e propaganda dos dois países).
[14]Suppo, H. R. *Op. cit.;* p. 55.
[15]O processo foi o ápice de uma campanha da colônia alemã em S. Paulo contra o jornal: inicialmente enviaram uma comissão (da qual fazia parte um membro do consulado) para demover Júlio Mesquita a cessar seus artigos aliadófilos; como não conseguiram, as empresas teuto-brasileiras retiraram sua propaganda e começou a campanha do *Diário Alemão*. Duarte, P. *Júlio Mesquita.* S. Paulo, Hucitec, 1977, p. 76-78, 98. Os artigos semanais de Júlio Mesquita sobre a guerra foram publicados em livro (*A Guerra – Boletins Semanais*) em 1919-20, mas ele mandou recolher a edição (feita à sua revelia). Eles seriam publicados em 2002, em quatro volumes sob o título: *A Guerra* (1914-1918).
[16]Medeiros e Albuquerque. *Quando eu era vivo.* R. de Janeiro, Record, 1981; p. 224.
[17]A coluna de O. Lima parece não ter prosperado em *O Estado de São Paulo*, embora ele continuasse a publicá-la no *Diário de Pernambuco.* Em 1917, quando Lima apoiou a ruptura de relações com a Alemanha em artigo para esse jornal, *O Estado de São Paulo* considerou sua mudança de posição equivocada, como antes considerava a sua germanofilia: Skidmore, T. *Op. cit.;* p. 297-298, *n.* 42.
[18]*A Brazílea* levaria ao surgimento de movimentos como a Propaganda Nativista (1919) e a Ação Social Nacionalista (1920), precursores do integralismo; *c. f.* Oliveira, Lúcia L. *A questão nacional na Primeira República.* S. Paulo, Brasiliense; Brasília, CNPQ, 1990; p. 150-151.
[19]Sobre a pressão da imprensa sobre o governo – particularmente do *Jornal do Commercio* e *Correio da Manhã*: Garambone, S. *A Primeira Guerra Mundial e a Imprensa Brasileira*. Rio de Janeiro, Mauad, 2003; p. 82-92. A campanha contra Müller começou em janeiro; em fevereiro, um jornalista do *Diário de Notícias da Bahia* (deixando sua posição germanófila) o chamou de "agente a soldo" e "canalha"; em março, começaram os ataques de Medeiros e Albuquerque: Skidmore, T. *Op. cit.,* p. 179.
[20]Sobre o episódio: Araújo, 1998.
[21]Luebke, F. C. *op.cit.,* p. 146, 159.
[22]Barreto, no artigo "Coisas Americanas", criticou o chanceler Nilo Peçanha (um mestiço) por promover o alinhamento aos EUA, onde a situação dos negros era "dolorosa" e preferia "mil vezes a Alemanha"; na crônica "Outras Notícias" para o jornal carioca *A.B.C.* em 23 de novembro de 1918, ridicularizou a DNOG e a Missão Médica; no mesmo órgão, em 30 de novembro, alfinetou os EUA, ao comentar que na repressão à rebelião anarquista naquele mês, só faltou ao governo chamar o auxílio da frota americana (estacionada no Rio de Janeiro desde 1917): Bandeira, M. *O Ano Vermelho.* S. Paulo, Editora Brasiliense, 1980, p.45-46; 135. Barreto, L. *Os Bruzundangas*. S. Paulo, Brasiliense, 1956; p. 193-195. O apoio à Alemanha pode tanto ter sido provocação, quanto simpatia, dado o "apoio" alemão à Revolução Russa e as propostas de paz feitas no último ano da guerra.
[23]O *Fanfulla* fez uma dentre os milionários ítalo-brasileiros de S. Paulo, para comprar seis aviões para o Aero-Club em 1917: Trento, A. *Op. Cit.,* p. 14.
[24]A campanha antifascista da *Diretrizes* antes da guerra baseava-se, em parte, em propaganda da I Guerra: como a reprodução de um texto de 1916, "O Pangermanismo no Brasil" para destacar a atualidade do perigo alemão no Sul: Duque Filho, A. X. *Política internacional na revista Diretrizes* (1938-1942). 2007. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências e Letras de Assis

– UNESP, Assis; p. 99. Disponível em: <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bas/33004048018ps/2007/duquefilho_ax_mg_assis.pdf> Acesso em: 17/05/11. *O Meio-Dia* foi criado pelo literato-jornalista Joaquim Inojosa: durante a I Guerra, ainda estudante, havia sido germanófilo: em suas memórias cita até um encontro com Oliveira Lima: Silveira, J. & Moraes Neto, G. *Hitler/Stalin: O Pacto Maldito.* R. de Janeiro, Record, 1990, p. 435-436.

[25]Suppo, *op. cit.* p. 60; 65. O controle do *Fanfulla* pela Itália ocorreu pelo legado feito pelo seu fundador e principal acionista, Vitalino Rottelini, para que fosse criada a *Fundação Amerigo Rottelini* – presidida pelo governo italiano, para oferecer bolsas de estudo a estudantes brasileiros na Itália: Trento, A. *Do Outro lado do Atlântico*. S. Paulo, Livraria Nobel, Instituto Italiano de Cultura, 1989; p. 327-328. Sobre Americo Rottelini (filho de Vitalino) vide nota 2. Tanto no caso de *A Noite* quanto no do *Fanfulla,* o controle era feito por testas-de-ferro.

[26]Perazzo, P. F. *O Perigo Alemão e a Repressão Policial no Estado Novo*. S. Paulo, Arquivo do Estado, 1999; p. 90. *O Deutscher Morgen* em 1941 passou a chamar-se *Aurora Ilustrada* e foi publicado até o fim do ano.

[27]Hilton, Stanley. *Suástica sobre o Brasil.* R. de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977; p. 190-191; Silveira, J. & Moraes Neto, G. *Op. cit.,* p. 476-477.

[28]Ferreira, M. de Moraes. Cordeiro, "A Nota". *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*, R. de Janeiro, Editora FGV/CPDOC, 2001, Vol. IV, p. 4116-4117. Cordeiro, P. M. N. *Ascensão das idéias nazistas em Pernambuco - a quinta coluna em ação (1937-1945)*. 2005. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Disponível em: <http://www.btd.ufpe.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo:1668> Acesso em 30/07/2009, p. 69.

[29]Franceses, britânicos e belgas ficaram preocupados com o fato: Santomauro, F. *As Políticas Culturais de França e Estados Unidos no Brasil*. 2007. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica, S. Paulo. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/17/tde-2007-11-26T09:50:532-4401/Publico/Fernando%20> Acesso em: 15/10/2010, p. 121.

[30]Hilton, S. *Oswaldo Aranha.* R. de Janeiro, Objetiva, 1994; p. 350-352. A campanha continuou após a liberação do navio, porque havia outro, o *Bagé* em situação semelhante. Interessante como os principais protagonistas da campanha antibritânica, Dutra e Góes Monteiro, haviam orbitado em torno de um núcleo germanófilo na guerra anterior, *A Defesa Nacional*.

[31]Dulles, J. W. F. *A Faculdade de Direito de São Paulo e a Resistência anti-Vargas*. R. de Janeiro, Nova Fronteira, 1984; p. 142, 169.

[32]Bertonha, J. F., *op. Cit.,* p. 102. Suppo, H. R. *Op. Cit.* p. 400-401; 437-438.

[33]Perazzo, P. F. *op. cit.,* p. 97. Leal, C. E. "Gazeta de Notícias". DHBB, Vol. III, p. 2507-2509.

[34]Cordeiro, P. M. N. *Op. cit.,* p. 105-108.

[35]Gak, Igor S. "nazismo para brasileiro ver. Um olhar encomendado sobre a Alemanha nazista (1938-1942)" SBPH. Disponível em: <http://sbph.org/2006/historia=politica-e-relacoes-internacionais/igor-silva-gak> Acesso em 01/03/11.

[36]Hilton, S. *Suástica sobre o Brasil;* p. 100-104; 152; 299-300.

[37]Silveira, J. & Moraes Neto, G. *Op. cit.,* p. 439-453.

[38]Sampaio, C.S. "Diário de Notícias". *DHBB*, Vol. II, p. 1847-1848. Existiam formas menos explícitas de se usar a imprensa: em 1943, a polícia política descobriu que a *Rádio Ipanema*, que havia sido comprada em 1941 pelos alemães, num determinado horário passava mensagens intercaladas dentro do noticiário para submarinos: Perazzo, P. F. *op. cit.,* p. 99.

[39]Hilton, S. *op. cit.,* p. 396-397.

[40]Vinhosa, F. L. T. *Op. Cit.,* p. 118-119. Schwoch, James. *The American Radio Industry and its*

Latin-American activities, *1900-1939.* [S.l.] Board of Trustees of University of Illinois, 1990; p. 45.
[41]Na cidade de S. Paulo em abril de 1917, manifestantes empastelaram o *Diário Alemão*; quando a polícia os reprimiu, Júlio Mesquita telefonou ao governador, sustando a repressão; em Santos, em novembro, após o empastelamento de *A Notícia*, a polícia, matou um manifestante: Camargo, H. L. "Santos, 1917: guerra, conflitos internos e 'boches atrevidos'". *História e – história*. Disponível em: <http:://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=39> Acesso em 08/12/07. Sobre a responsabilidade da imprensa nos tumultos de abril, de como ela silenciou para evitar tumultos em outubro e como isso serviu de justificativa para a censura: Luebke, F. C. *Op. cit.,* p 163-170. Os tumultos na II Guerra foram menos intensos, talvez, pelo controle policial do Estado Novo. Em Porto Alegre, por exemplo, ocorreram depredações (incluso o empastelamento de *A Nação*), mas distantes da destruição da I Guerra: Gertz, R. *O Perigo Alemão*. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 1991; p. 72. Vinhosa, F. L. T. *Op. Cit.,* p. 56-58.
[42]Em 1918, um filme nacionalista, *Pátria e Bandeira*, por ter cenas que sugerissem espionagem feita pela legação da Suíça, fez com que esta conseguisse que as cenas fossem cortadas: Noronha, J. *No Tempo da Manivela*. R. de Janeiro, EBAL; Kinart; EMBRAFILME, 1987; p. 67. Sachet, C. & Sachet, S. *Santa Catarina – 100 anos de História*, vol. II. Florianópolis, Século Catarinense, 1998, p. 60. Cohn, A. & Hirano, S. "A Gazeta", DHBB, vol. III, p. 2503-2507. *O Correio Paulistano* era órgão do situacionista Partido Republicano Paulista. Em *O Estado de São Paulo,* o primeiro trecho censurado apareceu no dia 22 e aumentaria nos dias seguintes, até em assuntos que nada tinham a ver com a guerra: coisa que os membros do jornal consideraram fruto de uma conspiração entre o governo paulista e a colônia alemã, ansiosos para se livrar de um órgão incômodo. Duarte, P. *Op. cit.* p. 102-108.
[43]*Getúlio Vargas e a Imprensa*, Rio de Janeiro, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2004; p. 44-45; Leal, C. E. *et all.* "Jornal do Commercio". DHBB, Vol. III, p. 2875-2879. Suppo, H. R. *Op. cit.,* p. 330.
[44]O pretexto foi a publicação de um artigo do político oposicionista exilado Armando Salles de Oliveira: Suppo, *Op. cit.,* p. 204.
[45]Sodré N. W. *Op. cit.,* p. 387
[46]*O Globo Expedicionário.* Rio de Janeiro, Agência O Globo, s.d; p. 152; Dulles, J. W. F. *op. cit.,* p. 347; Abreu Jr., J. B. de. "Diário de Pernambuco". *DHBB,* vol. II, p. 1852-1855. O fim do DIP (em 25 de maio de 1945) levaria o governo a "exercer um controle sobre a imprensa, através da distribuição da publicidade governamental", conforme carta de José Soares Maciel Filho a Vargas, nos meses finais do Estado Novo: Gomes, A. de Castro. *A Invenção do Trabalhismo.* São Paulo, Vértice; Rio de Janeiro, IUPERJ, 1988; p. 378.
[47]Caldena, N. Varón. *Brasil – 100 anos de* Propaganda. S. Paulo, Edições Referência, 2001; p. 104-105. Dulles, J. W. F. *Carlos Lacerda.* R. de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1992; p. 67-68. Moura, G. *Tio Sam chega ao Brasil.* São Paulo, Brasiliense, 1985; p. 20-23, 31-36.
[48]Trabalhavam também na divisão de imprensa do *Office* nos EUA: Orígenes Lessa, Marcelino de Carvalho, Carlos Cavalcanti, além de outro cedido pelo DIP: Raimundo Magalhães: Tota, A. P. *O Imperialismo Sedutor*. S. Paulo, Cia. das Letras, 2000; p. 56, 76-77.
[49]Luebcke, F. C. *op. cit,.* p. 208; Magalhães, M. B. *Op.cit.,* p. 131. Os percalços da imprensa teuto-brasileira podem ser percebidos na história de um jornal de Joinville (SC), o *Kolonie Zeitung:* fundado em 1862, foi publicado em alemão até 06 de novembro de 1917, quando por pressão da Lei de Guerra passou ao português e a chamar-se *Atualidade*, dando destaque à participação do país na guerra; essa fase durou até 21 de agosto de 1919, quando a legislação

é suspensa, voltando ao nome anterior, ao alemão, mas também (uma novidade!) a anúncios em português; essa fase durou até 28 de agosto de 1941, quando, pela legislação da campanha de nacionalização, passou a publicar em português, como *Correio de Dona Francisca*, até fechar em 21 de maio de 1942, três meses antes da entrada do Brasil na guerra: *cf.* Santos, L. M. dos. *Kolonie Zeitung, uma história*. Disponível em: <http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br/cd3/midia/lilianmanndossantos.doc> Acesso em 30/07/2009.

[50]Moraes, F. *Corações Sujos*, S. Paulo, Cia das Letras, 2001; p. 74-75, 106-107, 129; Lesser, J. *A Negociação da Identidade Nacional*. S. Paulo, Editora Unesp, 2001; p. 241-242.

[51]Falcão, L. F. "A Guerra Interna (integralismo, nazismo, nacionalismo)" *in*: Brancher, A. (org.) *História de Santa Catarina Catarina.* Florianópolis, Letras Contemporâneas, 2000; p. 173-174. *O Dia* quase foi empastelado em 1917: seu editor foi trocado, mas o jornal ficou estigmatizado e foi extinto em 1918, tendo o partido recriado seu antigo jornal, o *República*: Sachet, Celestino & Sachet, Sérgio, *op. cit.,* p. 58, 106.

[52]Sobre essa instituição: Sanders, 1975. A distribuição gratuita parecia ser a regra: Pedro Nava, então estudante do *Pedro II*, cita em suas memórias que um professor francês lhe deu um cartão de recomendação para um tal Dr. Gonsalves no Clube de Engenharia, que distribuía impressos de propaganda: *Illustration Française, Les Annales, O Espelho, La Guerre, La Guerre Illustrée* ("logo virada em *Guerra Ilustrada*"), *Sphere, Ilustrated War News*, além de suplementos como *Mãos à obra!, Da Fábrica ao Campo de Batalha* e *A Sentinela dos Mares*. "Nessas publicações nossos espíritos se repastavam de imagens guerreiras, de lances heróicos dos aliados e das famosas *atrocidades* alemãs." Nava, P. *Chão de Ferro*. R. de Janeiro, Livraria J. Olympio Editora, 1974; p.122.

[53]Silva, G. M. da. *op. cit.,* p. 85.

[54]Santomauro, F. *Op. cit.,* p. 34-36.

[55]Sobre o Creel: Mock, 1942.

[56]Gertz, R. *op. cit.,* p. 16-17; Luebke, F. B. *op.cit.,* p. 106-107. Publicações alemãs como *Der Grosse Krieg in Bildern (A Grande Guerra em Imagens)* eram publicadas em português, mas não encontrei indícios de sua distribuição no país.

[57]O panfleto teria uma réplica de Elysio de Carvalho: *Em Caminho da guerra – a cilada argentina contra o Brasil* (1917). A *Gaceta* seria empastelada por uma multidão, após a divulgação de que o Conde Luxburg, representante diplomático alemão, teria telegrafado à Alemanha sugerindo o torpedeamento de navios argentinos e brasileiros para servir de exemplo do poderio alemão. Martin, P. A. *op. cit.*, p. 227, 244-245.

[58]Kroeff, M. *Imagens do meu Rio Grande.* [S.l.: s.n.], 1971; p. 393. O Almirante Reinaldo Guilhobel, que participou das duas guerras, não cita em suas *Memórias*, nenhum jornal feito a bordo. Antes da entrada do país na II Guerra, escrevia a coluna "Panorama da Guerra nos Mares" para o *Diário Carioca* (antes do rompimento de relações com o Eixo, a coluna era anônima, logo após, seu nome e foto encabeçaram a coluna); e a pedido de Danton Jobim (em nome do embaixador dos EUA) passou a irradiar o programa semanal "A Marcha da Guerra": Guilhobel, R. de A. *Memórias.* [S.l.: s.n.], 1973; p. 134, 190, 195.

[59]Moura, C.. *Op. cit.,* p. 34.

[60]Avelino, C. D. S. da Hora. *O Silenciamento no texto jornalístico e a construção social da realidade: uma análise da cobertura da Segunda Guerra Mundial pelo jornal "A República" (Natal/ Rio Grande do Norte – Brasil).* Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/compolitica/anais/2006/Avelino_e_Gomes%202006.pdf> Acesso em 11/08/09, p. 7. O título do trabalho se justifica pela ausência de uma cobertura da guerra na cidade que tinha a principal base dos EUA no país: nem os norte-americanos davam entrevistas e sequer o encontro entre Vargas e Roosevelt

na cidade teve cobertura local.
[61]Silveira, J. *Histórias de Pracinha*. R. de Janeiro, Companhia Editora Leitura, 1945; p. 44, 200; Castello Branco, M. Thomaz. *O Brasil na II Grande Guerra.* R. de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1960; p. 342. Lima, R. M. Senta a Pua!, R. de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1980; p. 348.
[62]Silveira, J. *op. cit.,* p. 43, 70. Segundo a enfermeira da FEB, Elza Cansanção, havia programas de rádio brasileiros dirigidos às tropas, mas eles não eram ouvidos porque ou as tropas não tinham rádios ou não sabiam da programação ou a potência das rádios não era suficiente para chegar à Itália: Cansanção, E. *E Foi Assim que a Cobra Fumou.* R. de Janeiro, Imago Editora, 1987; p. 95-97, 127.
[63]Dulles, J. W. F. *A Faculdade de Direito de São Paulo e a Resistência anti-Vargas.*, p. 307-308.
[64]Silveira, J. *op. cit.,* p. 42; Araújo, G. B. de. *Caçando Espiões*. Rio de Janeiro, Borsoi, 1963; p. 23, 29.
[65]*O Globo Expedicionário*, p 143-154; Araújo, G. B. de. *op. cit.,* p. 71.
[66]Vinhosa, F. L. T. *op. cit.* p. 34-35, 68; Sodré, N. W. *op. cit.,* p. 342. A interrupção da carreira de correspondentes foi marcante para Lima e Amaral: Lima após esse episódio, se radicou nos EUA, onde morreu nos anos 20; para Amaral o episódio confirmaria a crise do liberalismo, da qual ele se tornaria uma das principais vozes no Brasil. Ao voltar, continuaria no *Correio da Manhã*, de onde se afastaria em 1917, com a entrada do Brasil na guerra: Nelson Werneck Sodré interpretou no fato uma desavença dele com Edmundo Bittencourt, que seria germanófilo – uma interpretação discutível em vista de sua expulsão da Grã-Bretanha e suas posições posteriores: Duque Filho, A. X. *Op. cit.,* p. 69, *n.* 118. Já P. Filho pontilhou sua aventura de fantasias que incluíam um caso com Mata Hari. O livro foi republicado em 2003 pela Labortexto Editorial.
[67]Vinhosa, F. L. T. *op. cit.*, p. 64-65, 68. Em 1997, Buschmann voltaria a ser assunto da imprensa brasileira, no contexto de uma exposição na Torre de Londres: cf. Blydowsky, L. "Espião nota zero". *Vêja* 10/12/97. Disponível em: <http://www.veja.abril.com.br/101297/p_061.html> Acesso em 08/08/09. Medeiros e Albuquerque. *Op. cit.*, p. 329-330.
[68]Em 1915, F. Mesquita enviou uma ilustração sua, retratando o primeiro vôo noturno de um zepelim alemão sobre Paris: *Fon-Fon*!, 15/05/15. Disponível em: <http://www.objdigital.bn/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_1915_020.pdf> Acesso em: 01/03/10. Seria F. Mesquita, Francisco Mesquita? Paulo Duarte relata que esteve na Europa, mas apenas no fim da guerra, de onde enviava crônicas. Duarte, P. Op. cit. p. 79. Malan, A. S. *Uma Escolha, Um Destino*, 1977, p. 156. Outro adido que volta e meia mandava fotos para as revistas ilustradas era o na Bélgica, Major Correia do Lago.
[69]*Fon-Fon*!, 15/05/15. Disponível em: <http://www.objdigital.bn/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_1915_020.pdf> Acesso em: 01/03/10.
[70]Garanbone, S. *op. cit.* p. 96.
[71]Prazeres, O. *A Liga das Nações*, p. 283-284. "Pedro da Costa Rego", *DHBB*, vol. V, p. 49-45. *Fon-Fon*!, 06/12/19. Disponível em: <http://www.objdigital.bn/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_1919/fonfon_1919_049.pdf> Acesso em 28/03/10. *Fon-Fon*!, 27/12/19. Disponível em: <http://www.objdigital.bn/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_1919/fonfon_1919_052.pdf> Acesso em 28/03/10.
[72]Moraes, F. *Chatô.* p. 108-110, 121.
[73]Assis Filho, W. Simões de (org.). *Cícero Dias.* Curitiba, Museu Oscar Niemeyer, [2008]; p. 298. Também teria trabalhado nessas irradiações francesas, Marcelino de Carvalho.
[74]"Otávio Brandão". DHBB, vol. I, p. 783-785.
[75]Albuquerque, Bento C. L. L. *A Justiça Militar na Campanha da Itália.* Fortaleza, Imprensa

Oficial, 1958; p. 548, 550.
[76]Leal Filho, L. L. *Vozes de Londres.* S. Paulo, Edusp, 2008; p. 13-38, 111-118. Callado – como se seguisse a senda de P. Filho, transformou sua experiência britânica em seu derradeiro romance: *Memórias de Aldenham House* (1989).
[77]Carvalho, L. M. *Cobras Criadas*. S. Paulo, Editora SENAC São Paulo, 2001; p. 97; Moraes, F. Op. *cit., p.* 429-430.
[78]Segundo Joel Silveira, a pressão teve sucesso graças a um ultimato da grande imprensa carioca: caso não pudesse ter correspondentes junto a FEB, boicotaria qualquer comunicado do DIP: Silveira, J. "O Pracinha desarmado". *In: O Globo Expedicionário,* p.12.
79Para uma relação dos correspondentes na Itália e uma análise de sua atuação: Henn, 2006.
[80]Silveira havia publicado uma matéria sobre as ligações de Rosalina Coelho Lisboa com os fascistas, o que provocou a ira de seu marido, presidente da Sul América Seguros e amigo de A. Chateaubriand a quem pressionou para que o demitisse; ao invés disso, o enviou para a Itália: Carvalho, L. M. *op. cit.*, p. 98. Henn, Leonardo G. "Os correspondentes de guerra e a cobertura jornalística da Força Expedicionária Brasileira". *História Unisinos.* 10 (2), maio/agosto 2006. Disponível em: <http://www.unisinos.br/publicacoes.cientificas/images/stories/Publicacoes/historiav10n2/art06_henn.historia.pdf> Acesso em: 15/03/11, p. 184-188.
[81]Henn. L. G. *Op. Cit.,* p. 176. Esse autor cita (p. 179) uma crônica publicada no *Diário de Notícias* em março de 1945, enviada da Itália por Augusto Vilas-Boas, que ao que tudo indica, era da FEB.
[82]O processo contra Balduino e Hirschmann encontra-se em: Albuquerque, 1958, p. 315-324, 545-609. Balduino teve como testemunha de defesa o ultimo chefe do DIP, Cel. Amílcar Botelho de Guimarães. Eles seriam libertados em 1956. *A Signal* foi a principal publicação de propaganda do exército alemão na guerra: tinha edição em português desde 1941, mas é provável que não tenha sido distribuída no Brasil.
[83]Dulles, J. W. F.*op. cit.;* p. 96-99.
[84]Wainer, S., *op. cit.* p. 85-94

Bibliografia

ABREU JR., J. B. de. "Diário de Pernambuco". *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*, R. de Janeiro, Editora FGV/CPDOC, 2001. Vol. II, p. 1852-1855.
ALBUQUERQUE, Bento C. L. L. *A Justiça Militar na Campanha da Itália – Constituição, legislação, decisões.* Fortaleza, Imprensa Oficial, 1958.
ARAÚJO, G. B. de. *Caçando Espiões: história do serviço de contra-espionagem brasileiro na Itália.* R. de Janeiro, Borsoi, 1963.
ARAÚJO, J. G. "Canhoneira Eber - Em Itapagipe. A batalha que não houve – 26/10/1917", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia*, vol. 94, 1998, p. 117-138.
ASSIS FILHO, W. Simões de (org.). *Cícero Dias – oito décadas de pintura.* Curitiba, Museu Oscar Niemeyer [2008].
AVELINO, C. D. S. da Hora. *O Silenciamento no texto jornalístico e a construção social da realidade: uma análise da cobertura da Segunda Guerra Mundial pelo jornal "A República" (Natal/ Rio Grande do Norte – Brasil).* Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/compolitica/anais/2006/Avelino_e_Gomes%202006.pdf> Acesso em 11/08/09.
BANDEIRA, Moniz. *O Ano Vermelho*. S. Paulo, Editora Brasiliense, 1980.
BARRETO, L. *Os Bruzundangas.* São Paulo, Editora Brasiliense, 1956.
BERTONHA, J. F. "Divulgando o Duce e o fascismo em terra brasileira: a propaganda italiana no Brasil, 1922-1943". *Revista de História Regional*, Vol. 5, n° 2, 2000. Disponível em: <http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=rhr&page=article&op=view&path[]=159> Acesso em 27/09/10.
BLYDOWSKY, L. "Espião nota zero". *Vèja*, 10/12/97. Disponível em: <http://www.veja.abril.com.br/101297/p_061.html> Acesso em 08/08/09.
BORDIEU, P. "A representação política – Elementos para uma teoria do campo político". *O Poder Simbólico*. R. de Janeiro, Bertrand Brasil, 2009.
BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil.* R. de Janeiro, Livraria J. Olympio Editora, 1975.
CALDENA, N. Varón. *Brasil – 100 anos de Propaganda*. S. Paulo, Edições Referência, 2001.
CAMARGO, H. L. "Santos, 1917: guerra, conflitos internos e 'boches atrevidos'". *História e – história*. Disponível em: <http:://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=39> Acesso em 08/12/07.
CANSANÇÃO, E. E *Foi Assim que a Cobra Fumou.* R. de Janeiro, Imago Editora, 1987.

CASTELO BRANCO, M. Thomaz. *O Brasil na II Grande Guerra*. R. de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1960.
CARVALHO, L. M. *Cobras Criadas*. S. Paulo, Editora SENAC São Paulo, 2001
COHN, A., HIRANO, S. "A Gazeta", *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro,* R. de Janeiro, Editora FGV/CPDOC, 2001. Vol. III, p. 2503-2507.
CORDEIRO, P. M. N. *Ascensão das idéias nazistas em Pernambuco - a quinta coluna em ação* (1937-1945). 2005. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Disponível em: http://www.btd.ufpe.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo:1668. Acesso em 30/07/09.
DUARTE, Paulo. *Júlio Mesquita*. S. Paulo, Hucitec, 1977.
DULLES, J. W. F. *A Faculdade de Direito de São Paulo e a Resistência anti-Vargas*. Rio de Janeiro,
Nova Fronteira, 1984.
_____ . *Carlos Lacerda, vol*. 1, 1914-1960. R. de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1992.
DUQUE FILHO, A. X. *Política internacional na revista Diretrizes* (1938-1942). 2007. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, Assis. Disponível em: <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bas/33004048018ps/2007/duquefilho_ax_mg_assis.pdf> Acesso em: 17/05/11.
FALCÃO, L. F. "A Guerra Interna (integralismo, nazismo, nacionalismo)" *in:* BRANCHER, A. (org.) *História de Santa Catarina Catarina – estudos contemporâneos*. Florianópolis, Letras Contemporâneas, 2000.
FERREIRA, M. de Moraes Cordeiro, "A Nota". *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro,* R. de Janeiro, Editora FGV/CPDOC, 2001, Vol. IV, p. 4116-4117.
GAK, Igor S. "nazismo para brasileiro ver. Um olhar encomendado sobre a Alemanha nazista (1938-1942)" *SBPH.* Disponível em: <http://sbph.org/2006/historia=politica-e-relacoes-internacionais/igor-silva-gak> Acesso em 01/03/11.
GARAMBONE, S. *A Primeira Guerra Mundial e a Imprensa Brasileira*. R. de Janeiro, Mauad, 2003.
GERTZ, R. *O Perigo Alemão*. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 1991.
Getúlio Vargas e a Imprensa, R. de Janeiro, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2004.
GOMES, A. de C. *A Invenção do Trabalhismo*. S. Paulo, Vértice; R. de Janeiro, IUPERJ, 1988.

GUILHOBEL, R. de A. *Memórias.* [S. l., s. n.] 1973.
HILTON, Stanley. . *Oswaldo Aranha – uma biografia*. R. de Janeiro, Objetiva, 1994.
_____ . *Suástica sobre o Brasil: a história da espionagem alemã no Brasil,* 1939-1944. R. de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.
HENN, Leonardo G. "Os correspondentes de guerra e a cobertura jornalística da Força Expedicionária Brasileira". *História Unisinos.* 10 (2), maio/agosto 2006. Disponível em: <http://www.unisinos.br/publicacoes.cientificas/images/stories/Publicacoes/historiav10n2/art06_henn.historia.pdf> Acesso em: 15/03/11.
KROEFF, M. *Imagens do meu Rio Grande*. [S.l., s.n.] 1971.
LIMA, Rui M. *Senta a Pua*!, R. de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1980
LEAL, C. E. *et all*. "Jornal do Commercio". *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*, R. de Janeiro, Editora FGV/CPDOC, 2001, Vol. III, p. 2875-2879.
LEAL FILHO, L. L. *Vozes de Londres – Memórias Brasileiras da BBC*. S. Paulo, Edusp, 2008
LESSER, J. *A Negociação da Identidade Nacional – Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. S. Paulo, Editora Unesp, 2001.
LUEBCKE, F. C. *Germans in Brazil.* Baton Rouge, Louisiana State University Press, 1981.
MAGALHÃES, M. B. *Pangermanismo e Nazismo – A trajetória alemã rumo ao Brasil.* Campinas, Editora da Unicamp; São Paulo, Fapesp, 1998.
MALAN, A. S. *Uma Escolha, Um Destino,* R. De Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1977.
MARTIN, P. A. *Latin América and the War*, Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 1925.
McCANN, F. *História do Exército Brasileiro*. S. Paulo, Cia. Das Letras, 2007.
MEDEIROS E ALBUQUERQUE. *Quando eu era vivo – Memórias*. R. de Janeiro, Editora Record, 1981.
MOCK, J. R. "The Creel Committe in Latin America". *The Hispanic American Historical Review,* vol. 22, n° 2, 1942; p. 266-276.
MORAIS, F. *Chatô – o rei do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
_____ . *Corações Sujos,* S. Paulo, Companhia das Letras, 2001.
MOURA, C. *Tio Sam chega ao Brasil.* São Paulo, Brasiliense, 1985.
NAVA, P. *Chão de Ferro – Memórias/3*. R. de Janeiro, Livraria J. Olympio Editora, 1974.
NORONHA, J. *No Tempo da Manivela.* Rio de Janeiro, EBAL; Kinart; EMBRAFILME, 1987.

O Globo Expedicionário. Rio de Janeiro, Agência O Globo [1985].
OLIVEIRA, Lúcia L. *A questão nacional na Primeira República*. S. Paulo, Brasiliense; Brasília, CNPQ, 1990.
"Pedro da Costa Rego", *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*, R. de Janeiro, Editora FGV/CPDOC, 2001, Vol. V, p. 4945.
"Otávio Brandão". *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*, R. de Janeiro, Editora FGV/CPDOC, 2001, Vol. I, p. 783-785.
PERAZZO, P. F. *O Perigo Alemão e a Repressão Policial no Estado Novo*. São Paulo, Arquivo do Estado, 1999.
PRAZERES, O. *A Liga das Nações*. R. de Janeiro, Imprensa Nacional, 1922.
SACHET, Celestino; SACHET, Sérgio. *Santa Catarina – 100 anos de História,* vol. II. Florianópolis, Século Catarinense, 1998,
SAMPAIO, C.S. "Diário de Notícias". *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*, R. de Janeiro, Editora FGV/CPDOC, 2001, Vol. II, pp. 1847-1848.
SANDERS, M. L. "Wellington House and British Propaganda during the First World War". *The Historical Journal,* XVIII, 1 (1975), p. 119-146.
SANTOMAURO, F. *As Políticas Culturais de França e Estados Unidos no Brasil.* 2007. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica, S. Paulo. Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/17/tde-2007-11-26T09:50:532-4401/Publico/Fernando%20. Acesso em: 15/10/2010.
SANTOS, L. M. dos. *KolonieZeitung, uma história.* Disponível em: <http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br/cd3/midia/lilianmanndossantos.doc> Acesso em 30/07/2009.
SCHWOCH, James. *The American Radio Industry and its Latin-American activities,* 1900-1939. [S.l.] Board of Trustees of University of Illinois, 1990.
SILVA, G. M. da. *O Brasil na Guerra Européia (1914-1918): uma face da dependência nas relações internacionais.* 1979. Dissertação (Mestrado). Universidade Nacional de Brasília, Brasília.
SILVEIRA, J. *Histórias de Pracinha (oito meses com a F.E.B.).* Rio de Janeiro, Companhia Editora
Leitura, 1945.
_____ , MORAES NETO, Geneton. *Hitler/Stalin: O Pacto Maldito.* R. de Janeiro, Record, 1990.
SKIDMORE, T. *Preto no Branco.* R. de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
SODRÉ, N. W. *História da Imprensa no Brasil.* São Paulo, Martins Fontes, 1983.
SUPPO, Hugo R. *La politique Culturelle Française au Brésil entre les annés* 1920-1950. 2000. Tese (Douturado). Université Paris III – Sorbonne Nouvelle, Paris. Disponível em:

<http://tede.ibict.br/tde_arquivos/1/TDE-2005-02-21T11:46:45Z-90/Publico/HugoRogelioSuppo_intro_cap_3.pdf> & <http://tede.ibict.br/tde_arquivos/1/TDE-2005-02-21T11:46:45Z-90/Publico/HugoRogelioSuppo_cap_4_biblio.pdf > Acesso em 15/10/10.

TOTA, A. P. *O Imperialismo Sedutor*. S. Paulo, Cia. das Letras, 2000.

TRENTO, Ângelo. *Do Outro lado do Atlântico – um século de imigração italiana no Brasil.* S. Paulo,
Livraria Nobel, Instituto Italiano de Cultura, 1989.

_____ . Il *"Fanfulla" di São Paulo e la stampa italiana in Brasile dal nazionalismo al fascismo* (1910-1922). Disponível em: <http://www.ponteentreculturas.com.br/media/textos_palestras/O_Fanfulla_de_Sao_Paolo_e_a_imprensa_italiana_no_Brasil.pdf> Acesso em 23/08/10.

VINHOSA, F. L. T. *O Brasil e a Primeira Guerra Mundial.* Rio de Janeiro, IHGB, 1990

WAINER, Samuel. *Minha Razão de Viver – memórias de um repórter.* R. de Janeiro, Record, 1988.

WIRTH, J. D. O Fiel da Balança – Minas Gerais na federação Brasileira. R. de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

Resumo

O artigo analisa o impacto das guerras mundiais na imprensa brasileira através de três dimensões: o alinhamento da imprensa; a censura; a existência de uma imprensa exclusivamente dedicada às guerras e a atuação dos correspondentes de guerra brasileiros.

Abstract

The article analyses the impact of world wars in the Brazilian press, throw three dimensions: the alignment of the press; the censorship; the existence of an exclusively dedicated press to the wars and the performance of the Brazilian's war correspondents.

Palavras-chave

Imprensa brasileira; Primeira Guerra Mundial; Segunda Guerra Mundial.

Key-words

Brazilian press; First World War; Second World War.